

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

MARIELI DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DO DOCENTE E DA ESCOLA NA
LITERATURA INFANTOJUVENIL**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO
2018

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

MARIELI DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DO DOCENTE E DA ESCOLA NA
LITERATURA INFANTOJUVENIL**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Câmpus Pato Branco como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II.

Orientadora: Susiele Machry da Silva

Co-orientadora: Rosângela Aparecida
Marquezi

PATO BRANCO – PR
2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Marieli da Silva**

Título: **A representação do docente e da escola na literatura infantojuvenil**

Trabalho de conclusão de curso defendido e Aprovado em
28 / 11 / 2018, pela comissão julgadora:

Prof.^a Dra. Susiele Machry da Silva – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.^a Ma. Márcia Oberderfer Consoli – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Rosângela Aparecida Marquezi
CPF: 339.330.12
Suplente do Curso de Licenciatura
em Letras - Português/Inglês
Câmpus Pato Branco

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é fruto de uma longa jornada acadêmica, da qual levarei as lembranças para o resto de minha vida, sejam elas boas ou ruins. Durante este trajeto pude contar com o apoio de diversas pessoas que foram fundamentais para que ele pudesse ser concluído. Entre elas familiares, amigos, colegas e esposo; essas pessoas foram meu apoio nos momentos difíceis, sempre me incentivando a prosseguir, me ajudando a enfrentar os problemas pelos quais passei, me mostrando que eu sempre posso ir além, sendo os meus olhos quando eu não conseguia enxergar, e que também compartilharam comigo sorrisos em momentos de felicidade.

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, por ter me proporcionado essa oportunidade de estudo, por me conceder saúde, ânimo e fé para enfrentar as dificuldades e, principalmente, por sempre estar ao meu lado, jamais desistindo de mim.

Agradeço a meu esposo, Matheus Brunetto, pelo apoio, carinho e amor.

Agradeço também aos meus familiares e amigos pelo total apoio e compreensão quando não pude estar presente, devido às atividades acadêmicas. E, principalmente a minha mãe que abdicou muitas vezes momentos de sua vida pelos meus sonhos, agradeço pelo seu amor incondicional e seu apoio fundamental.

Agradeço de todo o meu coração a minha orientadora, Dra. Susiele Machry da Silva, pelo seu compromisso, dedicação, compreensão, paciência, carinho e seus ensinamentos a mim destinados para o desenvolvimento deste trabalho acadêmico. A levarei para sempre em minha memória, pela maneira positiva que marcou minha vida.

Agradeço a minha co-orientadora Rosângela Aparecida Marquezi, pelas suas contribuições fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, bem como pelo seu bom ânimo, apoio e suas palavras de conforto em momentos difíceis, que sem sombra de dúvidas, me deram forças para prosseguir.

Gostaria de agradecer à professora Ma. Marcia Oberderfer Consoli, por ter aceito o convite para participar da minha banca, contribuindo diretamente nesse estudo e por disponibilizar seu tempo para auxiliar na construção deste trabalho.

Agradeço a todos os professores do curso de Letras pelos imensuráveis ensinamentos, por compartilharem seus conhecimentos e experiências que, certamente, contribuíram para minha formação. E por fim, agradeço a todos que diretamente ou indiretamente fizeram parte da minha formação acadêmica.

RESUMO

SILVA, Marieli da. **A REPRESENTAÇÃO DO DOCENTE E DA ESCOLA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL**. 2018. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português e Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

Partindo da ideia de que a educação é um dos eixos principais na formação e no desenvolvimento dos cidadãos, é necessário um olhar de atenção para os principais agentes desse processo, o professor e a escola. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como temática a representação desses agentes, docente e escola, na literatura infantojuvenil. A escolha do tema deu-se pelo fato de ser um assunto atual e de grande importância, porém nem sempre tratado ou visto de forma positiva pela sociedade. Parte-se do entendimento de que o docente e a escola desempenham um papel significativo na formação dos cidadãos, logo, também, contribuindo positivamente para a evolução da sociedade. A proposta objetivou, dessa forma, observar como professor e escola são representados na literatura infantojuvenil, buscando com isso apontar a importância do papel do professor e da escola na formação dos alunos. Para tanto, foram selecionadas duas obras da literatura infantojuvenil, a saber: *Uma escola assim, eu quero pra mim* (2007), de autoria Elias José; e *Pinóquio às avessas* (2010), do autor Rubem Alves. Essas obras apresentam em seu conteúdo uma reflexão acerca da escola, do papel do professor, e das representações da tríplice escola-professor-aluno. A análise e discussão dessas obras se deu a partir de critérios discutidos em *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (FREIRE, 2014), previamente selecionados de acordo com a temática estudada. Nesse sentido, a pesquisa desenvolveu-se em caráter bibliográfico, tendo como principal enfoque da análise as contribuições, além de Paulo Freire, de autores que discutem aspectos voltados para a educação, tais como: Nóvoa (1995), Lajolo e Zilberman (1999), Chalita (2001), Geraldi (1984) Saviani (1991), Gatti (2013) assim como outros. A discussão realizada a partir da leitura das obras, com apoio da literatura, permitiu evidenciar que a postura do professor, e a escola como um todo, são fatores que contribuem significativamente para o bom desempenho do ensino/aprendizagem. Não são os professores os únicos responsáveis por esse processo, mas que seus papéis são fundamentais para que o aluno tenha sucesso e/ou insucesso em sua jornada escolar.

Palavras-chave: Representação Docente; Papel da Escola; Literatura Infantojuvenil.

ABSTRACT

SILVA, Marieli da. **THE REPRESENTATION OF THE TEACHER AND THE SCHOOL IN THE YOUTH LITERATURE** 2018. 67 f. Monograph (Graduation's degree in Letras Português e Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

Starting from the idea that education is one of the main axis in the formation and development of the citizens, an attentive look is necessary to the main agents of this process, the teacher and the school. In this sense, the present research has as its theme the representation of these agents, teacher and school, in the youth literature. The choice of the theme was due to the fact that this is of great importance, but it's not treated or viewed positively by society. It is based on the understanding that the teacher and the school play a significant role in the training of the citizens, thus, contributing positively to the society evolution. The purpose of the proposal was to observe how the teacher and the school are represented in the youth literature, seeking the importance of the role of the teacher and the school in the students' formation. For that, two pieces of youth literature were selected, they are: *Uma escola assim, eu quero pra mim* (2007), by Elias José; and *Pinóquio às avessas* (2010), by Rubem Alves. These works present in their content a reflection about the school, the role of the teacher, and the representations of the triple school-teacher-student. The analysis and discussion of these books was based on basements discussed in *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (FREIRE, 2014), previously selected according to the theme studied. In this sense, the research was developed in a bibliographic character, having as main focus of the analysis the contributions, besides Paulo Freire, authors that discuss aspects related to education, such as: Nóvoa (1995), Lajolo and Zilberman (1999), Chalita (2001), Geraldi (1984) Saviani (1991), Gatti (2013) as well as others. The discussion based on the reading of the works, with the support of the literature, showed that the teacher's posture, and the school as a whole, are factors that contribute significantly to the good performance of teaching / learning. It is not only the teachers the responsible for this process, but their roles are fundamental for the student to succeed and / or fail in their school journey.

Keywords: Teaching Representation; Role of the School; Youth Literature.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM.....	38
FIGURA 2 - PINÓQUIO ÀS AVESSAS	39
FIGURA 3 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM.....	41
FIGURA 4 - PINÓQUIO ÀS AVESSAS	43
FIGURA 5 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM.....	53
FIGURA 6 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM.....	54
FIGURA 7 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM.....	55
FIGURA 8 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM.....	56
FIGURA 9 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM.....	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 EDUCAÇÃO: MUDANÇAS E DESAFIOS.....	12
3 PROFISSÃO DOCENTE: DIFICULDADES E EVOLUÇÕES	23
3.1 REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA: O SER E O AGIR DO DOCENTE	27
3.2 CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE: SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA.....	29
3.2.1 Prática Docente: Primeira Reflexão.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
3.2.2 Ensinar não é Transferir Conhecimento ..	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
3.2.3 Ensinar é uma Especificidade Humana....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
4 METODOLOGIA.....	38
5 A REPRESENTAÇÃO DO DOCENTE E DA ESCOLA DENTRO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL: DISCUSSÃO.....	41
5.1 SOBRE AS OBRAS EM ANÁLISE.....	41
5.2 ENSINAR EXIGE RESPEITO AOS SABERES DOS EDUCANDOS	45
5.3 ENSINAR EXIGE RISCO, ACEITAÇÃO DO NOVO E REJEIÇÃO A QUALQUER FORMA DE DISCRIMINAÇÃO	46
5.4 ENSINAR EXIGE REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A PRÁTICA	47
5.5 ENSINAR EXIGE RESPEITO À AUTONOMIA DO SER EDUCANDO E A SUA CURIOSIDADE	51
5.6 ENSINAR EXIGE SABER ESCUTAR E QUERER BEM AOS EDUCANDOS...	53
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

A sociedade, de maneira geral, tem passado por muitas transformações e evoluções ao longo dos anos, e com ela o ser humano evolui significativamente também. Não podendo ser diferente, os alunos da atualidade seguem evoluindo e se modernizando conforme a sociedade, e, nem sempre, a comunidade escolar e o docente, em específico, acompanham no mesmo ritmo essa evolução; algumas vezes seguem praticando ainda métodos tradicionais de ensino, provocando um grande atrito entre professor/aluno e escola/aluno.

Essas relações são de extrema importância para o bom desenvolvimento do ensino/aprendizagem, bem como contribuem de várias formas para o desenvolvimento e crescimento dos alunos. Ressalta-se, também, que o professor e a escola desempenham um papel fundamental em relação à formação de cidadãos para a sociedade, tendo a função de educar, ensinar e fornecer caminhos para que o ensino/aprendizagem ocorra da melhor forma possível, podendo assim formar cidadãos completos, dignos e íntegros, tornando-os críticos em relação ao mundo e, aos problemas que o cercam.

Tanto a educação, quanto a profissão docente, se desenvolveram de maneira significativa nos últimos tempos, tendo que percorrer um longo caminho para obterem o espaço que ocupam hoje. Infelizmente, ainda estando longe da excelência, não obtendo a valorização que merecem na sociedade. Apesar de a educação ser o caminho mais promissor para a transformação e evolução do ser humano em todos os aspectos, a sociedade nem sempre a vê dessa maneira, o que acaba por dificultar, atrasar, e muitas vezes impedir a transformação e a evolução dos envolvidos.

Diante do exposto, o presente estudo possui como tema a representação do docente e da escola na literatura infantojuvenil, observando como esses agentes podem afetar e/ou contribuir na vida escolar e particular de seus personagens. O interesse desse tema surgiu devido a sua grande importância dentro da comunidade escolar, podendo ter influências também na sociedade como um todo. A proposta tem como objetivo trazer ao leitor a maneira como o professor e a escola são representados na literatura infantojuvenil, promovendo uma reflexão a respeito da importância dessas figuras na formação dos alunos.

Dentro da literatura infantojuvenil são inúmeras as obras que retratam esse assunto, porém, para a realização deste trabalho, fez-se uso das seguintes obras: *Uma*

escola assim, eu quero para mim, de Elias José, publicado em 2007 e, *Pinóquio às Avessas*, de Rubem Alves, publicado no ano de 2010. A representação do professor e da escola apresentada nas obras pode aproximar-se da realidade escolar, em que se faz necessário o resgate da boa relação professor e aluno. Para isso, o professor precisa buscar maneiras de se adaptar e se aproximar do seu “novo alunado”; por sua vez, e o “novo alunado” deve recuperar o respeito e a merecida valorização dos professores, agente excepcional ao processo educativo.

Para guiar a análise foram elencadas algumas categorias da obra do prof. Paulo Freire (2014), *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*, que são elas: a) Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos; b) ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; c) ensinar exige reflexão crítica sobre a prática; d) ensinar exige respeito à autonomia do ser educando e a sua curiosidade; e e) ensinar exige saber escutar e querer bem aos educandos.

O trabalho foi organizado em quatro capítulos, com o objetivo de situar, com clareza, ao leitor deste trabalho acadêmico, os assuntos a serem explanados. Inicialmente, buscou-se retomar a importância da educação para o desenvolvimento do cidadão. Após, é feita uma contextualização sobre as mudanças e os desafios encontrados pela educação no decorrer dos anos, e, por fim, tratando de alguns aspectos que são fundamentais ao aluno para que ele possa ter sucesso em sua vida escolar.

O segundo capítulo é destinado à profissão docente. Primeiramente, trata-se da profissão em si, suas dificuldades e conquistas, também, fala-se da grande evolução feminina, e a importância do magistério em relação à inserção da mulher no mercado de trabalho, o que permitiu as mulheres uma certa liberdade. Posteriormente, faz-se uma reflexão sobre a importância da profissão docente na sociedade, destacando que é esta profissão que forma todas as demais profissões. Então, o ser e o agir docente, refletem significativamente na vida escolar dos alunos, e contribuem para o bom e/ou para o mau desempenho do ensino/aprendizagem. Por fim, neste mesmo capítulo realizou-se uma reflexão mais aprofundada da obra do prof. Paulo Freire (2014), *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Nesta reflexão da obra destaca-se alguns dos saberes necessários para buscar a autonomia do ser dos educandos, podendo aproximar o professor e o aluno, promovendo um vínculo harmonioso entre eles, e, por consequência disto, melhorando as práticas escolares.

No capítulo três, as obras acima citadas, escolhidas para a análise deste Trabalho de Conclusão de Curso, são apresentadas ao leitor. E na sequência, elencadas as

categorias a serem analisadas nas obras na próxima sessão, com base em Paulo Freire (2014).

No quarto e último capítulo, será tratado mais especificamente da análise dos livros. Um breve resumo das obras foi apresentado, possibilitando o conhecimento do leitor a respeito das mesmas. Na sequência, seguiu-se com a análise a partir da leitura de Paulo Freire (2014), buscando confrontá-las com as abordagens trazidas nas obras.

A pesquisa desenvolveu-se por meio de estudos bibliográficos, contando com o apoio de livros, e também, de artigos científicos, tendo como enfoque principal Paulo Freire (2014), e outras referências sobre a educação Nóvoa (1995), Lajolo e Zilberman (1999), Chalita (2001), Geraldi (1984), Saviani (1991), Gatti (2013) e outros.

É importante ressaltar a relevância do tema, sendo um assunto tão atual e preocupante que assola as escolas nos dias de hoje, mas que talvez não seja tratado da maneira e com a importância que merece. Buscar observar dentro da literatura infantojuvenil, a maneira como as relações entre professor, aluno e escola são retratadas, podendo as aproximar da realidade em uma sala de aula. Essa representação permite a reflexão sobre possibilidades de resgatar e cada dia melhorar essas relações dentro da comunidade escolar, as quais são de suma importância para o bom desenvolvimento da educação, ressaltando que essa relação não é a única necessária e responsável para que a educação se desenvolva, bem sabe-se que há muitos outros fatores que podem vir a contribuir com isto, mas que essa relação possui um papel de extrema importância dentro do processo educativo.

2 EDUCAÇÃO: MUDANÇAS E DESAFIOS

Todos os seres humanos nascem em condições semelhantes; a partir do meio social em que crescem, as pessoas que convivem e a educação que recebem vão moldando o seu caráter, vão definindo suas personalidades, “[...] tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação” (ROUSSEAU apud COÊLHO; GUIMARÃES, 1992, p.10). Nos primeiros anos de vida, os responsáveis pela educação de uma criança são os membros da família, ou seja, o pai a mãe, os tios, os avós, os irmãos, amigos mais próximos. A família guia os primeiros passos do pequeno ser, ensinando-lhe desde as primeiras palavras, até o certo e o errado dentro da sociedade em que está inserido.

Dando continuidade à educação da criança, entra a escola como parte do processo de socialização. Para algumas crianças, o ingresso no espaço escolar acontece mais cedo, nas creches, nos centros ou nas escolas de Educação Infantil, onde muitas crianças frequentam ainda bebês. Para outras, essa inserção, ocorre um pouco mais tarde, já no Ensino Fundamental I. A escola desempenha um papel fundamental e de extrema importância na formação do ser humano; nela, as pessoas passam a maioria da sua infância, da adolescência e ainda da juventude, podendo variar no que se refere à idade em que se iniciam os estudos.

O papel da escola vai muito além de passar o conhecimento técnico nas mais diversas disciplinas aos alunos. Ela tem por objetivo formar cidadãos críticos, pessoas que estejam preparadas para lidar com os diversos problemas que possam surgir em suas vidas. A escola deve formar seres humanos capazes de entender o mundo em que vivem e não somente entendê-lo, mas também transformá-lo para melhor. A respeito da educação em relação à formação de seres humanos capacitados para enfrentar o mundo, Chalita (2001, p. 58) afirma que:

A educação não pode ser mero instrumento do conhecimento para fins de competitividade. A educação não pode ser reducionista em nenhum aspecto, deve ser ampla, na direção da formação de seres humanos completos, críticos e participativos, na direção da construção da cidadania.

A partir de uma concepção semelhante, Lajolo e Zilberman (1999) acreditam que a família e a escola são as grandes responsáveis na formação de seres humanos, uma complementa a outra, e ambas devem caminhar juntas com os mesmos objetivos: formar seres humanos reflexivos e críticos para intervir na sociedade. Assim, as autoras destacam que, “[...] como a família, a escola se qualifica como espaço de mediação

entre a criança e a sociedade, o que mostra a complementaridade entre essas instituições e a neutralização do conflito possível entre elas” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 17).

No entanto, a educação nem sempre foi da maneira como se encontra atualmente no Brasil, tendo passado por muitas mudanças no decorrer dos anos. Não é necessário ir muito longe para notar que o acesso à educação não era fácil como nos dias de hoje. Há algum tempo, a educação era algo que apenas os pertencentes a classes sociais mais elevadas conseguiam ter acesso; nesse contexto, principalmente para as pessoas que moravam na zona rural, o acesso à escola era bem mais difícil. O ensino superior era, nessa época, restrito a poucos.

Porém, a população de maneira em geral necessitava ter seus direitos garantidos como cidadãos. Um grande marco para isso foi à promulgação da Constituição Federal de 1988, que veio ao encontro das muitas necessidades da população, entre elas, o acesso à educação.

O capítulo III, seção I da Constituição de 1988 é voltado à educação, no sentido de discutir e assegurar os direitos dos cidadãos brasileiros no que se refere ao acesso e a qualidade da educação, dentre eles, destaca-se,

Art. 205. À educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p.123).

A Constituição de 1988 assegura aos brasileiros, igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; garantia de padrão de qualidade, entre outros.

De acordo com Chalita (2001, p. 104 - 105), a Constituição determina que a educação seja direito de todos – homens e mulheres, pobres e ricos, brancos e negros, índios e estrangeiros, habitantes da zona rural e urbana. O Estado, além de atribuir essa obrigatoriedade, deve ser o responsável pelo cumprimento da mesma. E a sociedade deve fazer valer os seus direitos, envolvendo-se nos projetos educacionais e os desenvolvendo de forma consensual e participativa. O autor ainda afirma ainda que,

O pleno desenvolvimento da pessoa humana significa o desenvolvimento em todas as suas dimensões, não apenas do aspecto cognitivo ou da mera instrução, mas do ser humano de forma integral. Por isso o incentivo à cultura, às práticas esportivas, à convivência social, ao cuidado com o ambiente (CHALITA, 2001, p. 105).

No que se refere ao dever do Estado em relação à educação, este deve garantir aos cidadãos:

- I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;
- II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;
- III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;
- IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;
- V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;
- VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;
- VII - atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde (BRASIL, 1988, Art. 208).

O Estado tem como dever garantir a todos os cidadãos desde os primeiros anos de vida o acesso à Educação, à escola. Ele deve fornecer todos meios necessários para que isso seja possível, desde uma boa infraestrutura até uma educação de qualidade.

A Constituição Federal é sem sombra de dúvidas o alicerce de garantia à cidadania e dignidade dos brasileiros. Não apenas na educação, mas em todas as áreas que envolvem a vida humana. Em relação à educação, exigindo um ensino com padrão de qualidade, e, que tenha o compromisso de formar cidadãos plenos, preparados para a vida social. Indo ao encontro com o que estabelece a Constituição Federal, Piaget (1973, p.53) ressalta que:

O direito à educação [...] não é apenas o direito de frequentar escolas: é também, na medida em que vise educação ao pleno desenvolvimento da personalidade, o direito de encontrar nessas escolas tudo aquilo que seja necessário à construção de um raciocínio pronto e de uma consciência moral desperta.

A educação vai muito além do aluno apenas frequentar a escola e aprender a ler, escrever e adquirir todos os conteúdos técnicos, ela tem como objetivo desenvolver e moldar a personalidade de cada aluno, através dos seus conteúdos e interação social. A escola estimula e amplia o raciocínio lógico de cada aluno, assim transformando-os em cidadãos críticos para poderem agir e participar socialmente.

Ainda se tratando das leis que norteiam o sistema educacional brasileiro, pode-se considerar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) - 9394/96, que vigora no país por longo tempo. A LDB reafirma os direitos da população no que se refere à educação, os mesmos garantidos pela Constituição Federal. Ela determina os princípios da educação, estabelecendo responsabilidades mútuas, entre a União, os Estados, os

Municípios e o Distrito Federal. Logo, a educação é vista como responsabilidade de todos, assim, os envolvidos devem colaborar para que as leis sejam cumpridas e a educação da população se dê da melhor maneira possível.

Assim como na Constituição Federal, a LDB atribui à educação dos cidadãos não apenas a escola ou a família, mas sim a todos os ambientes em que as pessoas possam transitar durante toda a sua vida, já que o ser humano está sempre em constante aprendizado. E, acredita que a partir do bom desempenho da educação pode-se formar bons cidadãos, pessoas capazes de conviver em sociedade, exercitando com qualidade os mais diversos tipos de trabalhos.

Art. 1o . A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Art. 2o . A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

Segundo a LDB, a educação brasileira é dividida em dois níveis: a educação básica (formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e educação superior. A LDB ainda garante aos brasileiros outras modalidades de ensino como: Educação especial, educação à distância, educação profissional e tecnológica, educação de jovens e adultos e educação indígena. Reforçando que esses níveis de educação são de direito de todos os brasileiros, todos devem ter acesso a eles. A LDB é atualizada conforme as necessidades e mudanças da sociedade brasileira.

Atualmente, entra em vigor no Brasil a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, em continuidade ao processo pela LDB e também da Constituição de 1988, reafirma o direito de acesso à educação. O documento “é de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2017, p.9).

Segundo a BNCC a educação deve ser ofertada a todos os alunos de maneira igual, independente da classe social em que está inserido, visando o respeito e a igualdade educacional e, também garante o acesso e a permanência dos alunos na escola. Assim:

No Brasil, um país caracterizado pela autonomia dos entes federados, acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais.

Nesse processo, a BNCC desempenha papel fundamental, pois explicita as aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver e expressa, portanto, a igualdade educacional sobre a qual as singularidades devem ser consideradas e atendidas. Essa igualdade deve valer também para as oportunidades de ingresso e permanência em uma escola de Educação Básica, sem o que o direito de aprender não se concretiza (BRASIL, 2017 p. 17).

Não apenas a organização educacional brasileira, mas também a própria didática de ensino passou por muitas mudanças no decorrer dos anos. Há algum tempo, o ensino era ‘engessado’, o professor passava conhecimento aos alunos de uma maneira tradicional. Ensinava os alunos a ler e a escrever a partir de cartilhas de ensino, algo que sempre era igual, se repetia ano após ano, totalmente descontextualizado com os assuntos do cotidiano e da realidade do aluno. Os alunos aprendiam a ler e a escrever? Sim, aprendiam. Porém, não havia o desenvolvimento do seu senso crítico, quando se deparavam com textos diferenciados, apresentavam dificuldade em interpretá-los, enfrentavam obstáculos para escrever textos sobre temas diferenciados da sociedade.

O aluno costumado, desde as primeiras ocupações sérias da vida, a salmodiar, na escola, enunciados que não percebe, a repetir passivamente juízos alheios, a apreciar, numa linguagem, que não entende, assuntos estranhos a sua observação pessoal; educado, em suma, na prática incessante de copiar, conservar, e combinar palavras, com absoluto desprezo do seu sentido, inteira ignorância da sua origem, total indiferença aos seis fundamentos reais, o cidadão encarna em si uma segunda natureza, assinalada por hábitos de impostura, de cegueira, de superficialidade (GERALDI, 1991, p. 120).

Na educação tradicional o conhecimento prévio do aluno não é levado em consideração, o currículo escolar deve ser seguido sem interrupções ‘banais’, não podendo haver muitos questionamentos por parte dos alunos. O professor em sala de aula é autoritário, se impõe perante aos alunos e exige silêncio, apenas o professor é dono do conhecimento e a função do aluno é recebê-lo. O conteúdo é transmitido pelo professor ao aluno, primeiramente de maneira verbal; às vezes, utilizando o livro didático e o caderno para que os alunos façam suas anotações e, também na aplicação de exercícios para que os alunos memorizem os conceitos e as fórmulas ensinadas. Para avaliação do conteúdo ensinado é aplicada uma prova, a qual se o aluno decorar o conteúdo terá grandes chances de tirar a nota máxima.

Porém, para a formação de cidadãos completos, é necessário que o aluno vá muito além de apenas decorar o conteúdo, é necessário que os conteúdos despertem nos alunos o senso crítico, a curiosidade, o interesse em aprender mais e mais, podendo utiliza-los na sua vida pessoal e social.

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (BRASIL, 2017 p. 16).

Então, em um novo contexto social e educacional, surgiu a necessidade de preparar as pessoas para que pudessem entender e interagir na sociedade em que se encontram inseridos. Pessoas que além de possuir conhecimento teórico, estivessem preparadas para o mercado de trabalho e para conviver em sociedade, sendo capazes de agir e de opinar nas mais diferentes situações que pudessem surgir em suas vidas, profissionais ou pessoais. Pessoas que buscassem ser seres humanos melhores; logo, transformando a sociedade em um lugar melhor, sendo dever da família e da escola instigar as crianças, adolescentes e jovens a buscarem o melhor, o melhor para si e também para a sociedade em que vivem.

Não se deve educar crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e da sua inteira destinação. Esse princípio é da máxima importância. De modo geral, os pais educam seus filhos para o mundo presente, ainda que seja corrupto. Ao contrario, deveriam dar-lhes uma educação melhor, para que possa acontecer um estado melhor no futuro (KANT apud COELHO; GUIMARÃES, 2004, p.22)

Para o mútuo desenvolvimento e transformação dos cidadãos conforme a necessidade da sociedade e dos próprios seres humanos, os conteúdos e práticas pedagógicas também necessitavam ser atualizados. Sobre as práticas pedagógicas Gatti (2013, p.55) discorre que:

Prática pedagógica, por ser pedagógica, é a ação política, de cidadania, comportando formas de ação guiadas por seus fundamentos, sejam filosóficos, sejam científicos. Implica fazer pensando e pensar fazendo, implica saber fazer, ou seja, uma praxiologia.

Sendo assim, as práticas pedagógicas devem ser organizadas em torno de intencionalidades, devem conter uma reflexão contínua e coletiva. Os conteúdos escolares devem sempre ser planejados e refletidos pelos docentes, com objetivo de buscar a evolução completa dos alunos, tornando-os pessoas capazes de pensar e agir em todos os âmbitos da sociedade e, nos mais diversos conteúdos. A comunidade escolar, através de suas práticas, tem como dever entregar a sociedade cidadãos formados, moralmente e profissionalmente.

Em um mundo no qual a tecnologia tem estado cada vez mais presente na vida das pessoas, e crianças e jovens têm acesso desde cedo a um universo de informações atraentes e diferenciadas, através de vários meios: televisão, computadores, celulares, tablets etc, faz-se necessário o uso de didáticas cada vez mais criativas na regência das aulas, para assim chamar a atenção do aluno e poder transmitir o conteúdo, o conhecimento da melhor maneira possível.

Observa-se que didáticas consideradas mais ‘tradicionais’ não são bem recebidas pelos alunos nas escolas, podendo ser consideradas ‘rígidas’, e os professores que as praticam podem ser considerados ‘caretas’ e ‘ultrapassados’. Sendo assim, o professor não terá sucesso ao ministrar sua aula. Os alunos, por não estarem interessados acabam atrapalhando a aula e não desenvolvendo as atividades propostas, prejudicando o ensino/aprendizagem.

A educação escolar é um processo comunicacional específico que, para atingir suas finalidades, requer formas didáticas que possam dar suporte adequado a aprendizagens efetivas a grupos diferenciados de estudantes, em idades diferenciadas de seu desenvolvimento (GATTI, 2013, p. 54).

Em contrapartida à exigência dos alunos e da sociedade moderna, Saviani (1991, p. 36) alerta que:

Com efeito, os currículos escolares são influenciados por modismo passageiros e se sobrecarregam com demandas superficiais decorrentes das aparências que marcam a vida cotidiana. Com isso deixam de contemplar o papel essencial da escola que é garantir a todos o acesso aos requisitos fundamentais necessários à participação ativa da sociedade contemporânea.

O autor ainda propõe que para o bom desempenho da educação a escola deve ter o seu currículo, o seu livro didático não focado apenas no passado ou no presente, ou também apenas visando o futuro, eles devem conter conteúdos clássicos, conteúdos atemporais,

Um currículo é, pois, uma escola funcionando, quer dizer, uma escola desempenhando a função que lhe é própria. Portanto, o conteúdo do livro didático não deve ser constituído pelo antigo ou tradicional nem pelo moderno ou pós-moderno. Seu critério deve ser o clássico (SAVIANI, 1991, p. 37).

O professor deve procurar trazer para a sala de aula, didáticas que se aproximam do universo e do interesse dos alunos. Porém, os conteúdos não devem fugir do sistema educacional brasileiro, as didáticas, por sua vez, sim, podem ser as mais diversas e diferenciadas possíveis.

Chalita (2001) argumenta que a educação escolar deve estar vinculada ao mundo do trabalho e à prática social, o que inclui as próprias experiências pessoais dos alunos, e, também, questões relevantes da atualidade. É preciso abordar em sala de aula assuntos atuais da sociedade e do mundo, é necessário apresentá-los aos alunos e colocá-los em debate. O educador deve apresentar aos alunos os pontos positivos e os pontos negativos de cada assunto, deixando que o aluno forme sua opinião a respeito, assim podendo participar de discussões do assunto trabalhado, não apenas em sala de aula, mas também nos demais âmbitos da sociedade, quando for necessário. “[...] uma prática educativa contextualizada, atenta às especialidades do momento, à cultura local e ao alunado diverso em sua trajetória de vida e expectativas escolares [...]”. (GATTI, 2013, p. 53).

Sobre os conteúdos a serem ministrados na educação básica, a LDB - Art. 27 aponta:

- I – a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;
- II – consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;
- III – orientação para o trabalho;
- IV – promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais (BRASIL, 1996).

A BNCC também disponibiliza de algumas ações para nortear as aprendizagens importantes dentro de cada etapa da Educação Básica, porém essas ações devem ser apropriadas à realidade local, levando em consideração a autonomia das instituições de ensino, e o contexto social e característica dos alunos. Assim, faz-se necessário adequá-las às diferentes modalidades de ensino (educação especial, educação de jovens e adultos, educação do campo, educação escolar indígena, educação quilombola, educação a distância). Dentre outras ações, a:

- contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas;
- decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem;
- selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc.;
- conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens;
- construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos;
- selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender;
- criar e disponibilizar materiais de orientação para os professores, bem como manter processos permanentes de formação docente que possibilitem contínuo aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem; manter processos contínuos de aprendizagem sobre gestão pedagógica e curricular para os demais educadores, no âmbito das escolas e sistemas de ensino (BRASIL, 2017 p, 18-19).

As instituições de ensino possuem um papel fundamental na formação dos indivíduos, pois além das pessoas passarem a maior parte da sua infância, da adolescência e ainda da juventude na escola, conforme acima citado, a escola insere a criança no mundo social, através do convívio escolar, aluno/professor e aluno/aluno, assim fazendo-a compreender o mundo e a sociedade em que está inserido.

O papel da escola vai, portanto, muito além de transmitir conhecimento aos alunos, deve garantir e proporcionar o bem estar destes, dos professores e dos demais funcionários. Algo que não depende apenas da escola, mas da ajuda de programas educacionais, sejam eles municipais ou estaduais. Inicia-se com o número suficiente de vagas para atender todos, e depois, o transporte escolar que deve ser fornecido àqueles que moram mais longe de suas escolas incluindo aos que moram na zona rural.

Chegando até a escola, o estudante deve encontrar uma infraestrutura adequada para recebê-lo. O ambiente escolar deve propiciar o material didático para o ano que está frequentando e professores capacitados para ministrar as aulas. Os alunos têm o direito à merenda escolar, sendo que, muitas vezes, os que são de classes sociais menos favorecidas chegam até a escola sem terem se alimentado, “[...] vemos muitos professores de português, tragicamente, ensinando análise sintática a crianças mal

alimentadas, pálidas, que acabam, depois de aulas onde não faltam castigos e broncas, condicionadas a distinguir o sujeito de uma oração [...]” (GERALDI, 1984, p. 15).

É inegável, todavia que muitas vezes nem pessoas adultas conseguem separar sua vida pessoal da sua profissional, então não se deve esperar que crianças e adolescentes que ainda não estão com suas opiniões formadas e com seu caráter em formação, consigam separar sua vida pessoal de sua vida escolar. É dever e de competência da escola e dos profissionais da educação, conhecer e entender a realidade de cada aluno. Aqueles que muitas vezes são agressivos com os colegas, que não demonstram interesse nem motivação para os estudos, ou os mais quietos, tímidos, que não interagem em sala de aula, talvez necessitem ser observados mais de perto. Possivelmente estejam passando por algumas dificuldades como: abusos, agressões, bullying, maus tratos, fome e tantos outros problemas sociais, que podem ser detectados no espaço escolar. Esses alunos precisam de psicólogos, ajuda de uma assistente social, ou, até mesmo, de cuidados médicos. Um olhar de amor, carinho e compreensão que pode fazer toda diferença nas suas vidas.

A escola apesar de ser um ambiente aonde há limites e regras, não deve ser absorvida pelos estudantes como tradicional ou opressora. As crianças devem conhecer limites, mas a escola e os profissionais devem buscar meios para não tratá-los com rigidez. O ambiente escolar deve ser harmonioso e prazeroso, ele deve fazer com que o aluno se sinta acolhido e protegido, assim podendo prepará-los da melhor forma possível para a sociedade que os espera.

Essa nova valorização do espaço-escola não quer dizer, porém, que o entendemos como o sistema rígido, reprodutor, disciplinador e imobilista que caracterizou a escola tradicional em sua fase de deterioração. Longe disso. Hoje, esse espaço deve ser, ao mesmo tempo, *libertário* (sem ser anárquico) e *orientador* (sem ser dogmático), para permitir ao ser em formação chegar ao seu *autoconhecimento* e a *ter acesso ao mundo da cultura* que caracteriza a sociedade a que ele pertence (COELHO, 2000, p. 17, grifos do autor).

Sobre educação Cêlho e Guimarães (2012, p. 7) defendem que:

Educar é trabalhar para que o Homem que está em cada indivíduo como possibilidade se torne real e os educandos reconheçam, vivam e afirmem sua humanidade na esfera pública e privada. É criar condições concretas para que, independente de idade, nacionalidade, cultura, crença, opção política e situação socioeconômica, eles possam realizar o sentido e a finalidade da existência, agindo com racionalidade, autonomia e justiça, elevando ao plano da vida excelente, virtuosa, dignificando e engrandecendo a humanidade.

A educação deve proporcionar o autoconhecimento a cada aluno, independente ele quem seja. Também deve assegurar que o aluno conheça e entenda não somente a sociedade em que vive, mas também as mais diversas sociedades e culturas, para que consiga se inserir de maneira satisfatória e digna nos diversos ambientes que possa transitar durante sua vida.

3 PROFISSÃO DOCENTE: DIFICULDADES E EVOLUÇÕES

A profissão docente assim como a educação de maneira geral e as práticas didáticas, também tem passado por significativas transformações e conquistas no decorrer dos anos. Apesar de a educação, a transmissão do conhecimento, ser algo que já vem sendo aplicado há muitos anos, ela só recebeu o seu valor merecido quando o professor foi introduzido no espaço educacional.

[...] O professor somente apareceu como profissional de ensino há pouco mais de 300 anos, no século XVIII, nas lutas por democratização, empreendidas pela burguesia revolucionária. A definição do professor como sujeito do ensino encaminhou a formulação de um core curriculum para a sua formação, ancorado na área de pedagogia, inaugurando o início da profissionalização (PENIN, 2009, p.2).

Ainda neste século a profissão docente era exercida por figuras religiosas, os padres e, mais tarde por professores laicos, como afirma Nóvoa (1995). Porém, apesar de estarem inseridos na educação, os professores ainda não recebiam a sua verdadeira importância e efetivação dentro desse espaço.

Um grande marco na carreira profissional dos professores foi a partir do século XVIII, não sendo mais permitido ensinar sem qualificação e licença ou autorização para o cargo. Assim, é possível notar que certas exigências para a prática da profissão demonstram preocupação em relação à educação e aos profissionais que a praticam. Nóvoa (1995, p. 17) faz a seguinte observação a respeito dessa nova exigência para os educadores:

A partir do século XVIII não é permitido ensinar sem uma licença ou autorização do Estado, a qual é concedida na sequência de um exame que pode ser requerido pelos indivíduos que preencham um certo número de condições (habilitações, idade, comportamento moral, etc.). Este documento constitui um verdadeiro *suporte legal ao exercício da actividade docente*, na medida em que contribui para a delimitação do campo profissional de ensino e para atribuição ao professorado do direito exclusivo de intervenção nesta área.

Com a licença ou autorização para lecionar fornecida pelo Estado aos professores, estes passam a ter suporte legal para exercer a profissão, e, começam a ter seus direitos garantidos, assim como Nóvoa (1995) afirma.

Não obstante, neste século XVIII, a profissão docente era predominantemente exercida pelos homens, pois sabiam ler, escrever e também possuíam conhecimentos na área matemática e religiosa, atividades que não eram nessa época concedidas às

mulheres. Estes, no entanto, desenvolviam outras atividades e lecionar não era tida como função prioritária, sendo exercida nas horas livres.

Quando as instituições escolares passaram a ser uma responsabilidade do Estado, houve a necessidade de uma educação formal. Logo, se passou a exigir dos educadores habilidades literárias e uma licença para exercer a profissão. Assim, os homens não tinham como se dedicar apenas à licenciatura, e, já não conseguiam mais praticar a profissão. Então no século XIX a figura feminina ganha espaço na educação.

Não apenas no âmbito educacional, mas na sociedade de maneira em geral as mulheres tiveram grandes conquistas. Tendo em vista que desde os primórdios eram vistas como inferiores aos homens, sendo taxadas como ‘o sexo frágil’. As mulheres após anos de luta, conseguiram ter as mesmas condições educacionais que os homens, assim como a escolha de suas profissões, puderam escolher seus parceiros e também garantiram seu direito ao voto, entre tantas outras conquistas que as tornaram livres, tendo todos os seus direitos reconhecidos, garantidos e respeitados pelas leis.

Durante muitos e muitos anos, as mulheres eram submissas aos homens, e, a elas eram atribuídos apenas os afazeres domésticos e a maternidade, “A mulher não precisava ter boa formação, bastava-lhe aprender as primeiras letras e alguns cálculos aritméticos para assegurar as tarefas do lar” (RABELO, 2007, p. 46).

Desde pequenas as mulheres eram ensinadas apenas a serem boas esposas, boas mães e a serem mulheres dedicadas ao lar. Segundo Torres e Santos apud Rosa (2011), as mulheres por muito tempo permaneceram em segundo plano para a sociedade, estavam conformadas como eram tratadas e não ousavam criticar e nem transcender os limites a elas impostos. Então, lhes era negado o direito à educação, pois, se fossem pessoas cientes de sua realidade, poderiam querer reivindicar seus direitos, não aceitariam mais a desigualdade entre os sexos e também não aceitariam a submissão imposta a elas pelos homens e, pela sociedade, o que não era bem visto na época, já que os homens não conseguiriam mais dominá-las.

Sobre as primeiras conquistas femininas no final XIX e início do século XX, Almeida (1998, p. 26 – 27) ressalta:

[...] mudanças socioeconômicas ocasionadas pela implantação do regime republicano no país, pelo processo de urbanização e industrialização, pelas duas guerras mundiais e seus efeitos nas mentalidades da sociedade da época, pelas conquistas tecnológicas representadas pela difusão dos meios de comunicação, coincidiram com a eclosão das primeiras reivindicações do feminismo que, nos países onde chegou, atingiu várias gerações de mulheres, ao alertar para a opressão e para a desigualdade social à que estiveram até

então submetidas. Com o movimento feminista e na esteira das reivindicações pelo voto, o que lhes possibilitaria maior atuação política e social, a domesticidade ou invadida e as mulheres passaram a atuar no espaço público e a exigir igualdade de direitos, de educação e profissionalização.

As primeiras mulheres a terem acesso à educação foram as filhas de pessoas com um poder aquisitivo elevado, principalmente filhas de grandes fazendeiros. As mulheres de baixa classe social, só foram inseridas no processo educacional quando isso se tornou necessário para a modernização do país.

O magistério surge nessa época e possibilitou às mulheres se inserirem no mercado de trabalho e também contribuiu com o aumento de mulheres a ingressar na escola primária, uma vez que a prática docente deveria ser exercida por uma pessoa do mesmo sexo dos alunos. Para a autora Almeida (1998, p. 28), a docência permitiu às mulheres:

A possibilidade de aliar ao trabalho doméstico e à maternidade uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que “ser professora” se tornasse extremamente popular entre as jovens e, se, a princípio, temia-se a mulher instruída, agora tal instrução passava a ser desejável, desde que normatizada e dirigida para não oferecer riscos sociais.

Para a sociedade da época, a profissão docente para as mulheres era como se fosse uma extensão de suas atividades domésticas, uma vez que elas ainda estariam ensinando, cuidando e educando, atividades que já desenvolviam em suas casas com seus maridos e filhos. Para Almeida (1998, p. 28), “Ensinar crianças foi, por parte das aspirações sociais, uma maneira de abrir às mulheres um espaço público (domesticado) que prolongasse as tarefas desempenhadas no lar”. Porém, as mulheres não se importaram, encararam a profissão como a única oportunidade de se inserirem no mercado de trabalho e, também de garantir sua independência econômica.

Nesse sentido, mesmo com o importante avanço das mulheres, em que passaram a poder praticar uma profissão, a desigualdade entre homens e mulheres ainda era muito visível. Tendo em vista que a profissão docente era mal remunerada e que os homens não aceitavam receber salários iguais ou menores que as mulheres, as mulheres de certa forma eram forçadas a permanecer no magistério. “Os homens não aceitavam um salário menor, então era necessário que a mulher assumisse esta profissão, não pelo salário, mas por sua suposta “vocação” natural para a mesma” (RABELO, 2007, p.50).

No decorrer dos anos, o magistério tornou-se uma profissão basicamente destinada às mulheres, o que se perdura até os dias atuais. Em 1970, as professoras foram garantindo alguns de seus direitos, tais como, “[...] jornada de trabalho

compatível, salários não diferenciados dos salários masculinos, aposentadoria aos 25 anos de serviço, licença de saúde e maternidade [...] embora a profissão continuasse sendo mal remunerada” (ALMEIDA, 1998, p. 29). É necessário refletir que, mesmo tendo se passado quase 50 anos, a profissão continua não tendo a remuneração merecida, encontra-se em desvantagem na sociedade.

Obviamente, reconhecer a importância de nossa tarefa não significa pensar que ela é a mais importante entre todas. Significa reconhecer que ela é fundamental. Algo mais: indispensável à vida social. Eu não posso, porém, formar-me para a docência apenas porque não houve outra chance para mim, menos ainda, somente porque enquanto me “preparo”, espero um casamento. (FREIRE, 1997, p. 32).

Mesmo no século XX os homens estavam à frente das mulheres com mais direitos assegurados a eles, um deles era o acesso ao ensino superior. Já as mulheres permaneciam estagnadas no magistério. Apenas muito tempo depois as mulheres conseguiram assegurar os seus direitos em relação à escolha de suas profissões e o acesso ao ensino superior. Mesmo nos dias atuais, em alguns países, e mesmo em determinadas regiões do Brasil, há um certo distanciamento em relação aos direitos dos homens e das mulheres, e o preconceito contra as mulheres ainda é nítido.

Atualmente, no que se refere à profissão docente a grande maioria a exercê-la ainda são as mulheres. Na educação infantil é raro encontrar homens, partindo para Ensino Fundamental I é possível encontrar alguns homens a exercer matérias complementares como educação física, línguas estrangeiras entre outras. No Ensino Fundamental II há uma quantidade maior de homens a lecionar, da mesma forma, no ensino superior, em determinados cursos, predominam professores homens; em outros, é possível encontrar mais mulheres.

Tendo em vista, as dificuldades pelas quais a educação e a profissão docente passaram, constata-se que apesar de terem conquistado algumas melhorias (acesso à educação, estruturas físicas, recursos entre outros), ainda não possuem a valorização necessária na sociedade; os professores ainda não recebem seus salários condizentes a sua real importância. A população, em sua grande maioria, ainda não tem consciência sobre o real sentido e a importância da educação para a sociedade, de como ela pode mudar de maneira significativa e positiva a vida das pessoas. Infelizmente, o não entendimento sobre a importância da educação para o desenvolvimento da criança, leva em alguns casos, os pais assumirem uma posição contra a escola e os professores, por algumas vezes, não os respeitando, os desautorizando diante de seus filhos, assim

fazendo com que se perca a credibilidade, algo que tem dificultado muito o processo educativo nos tempos atuais.

Partindo do princípio de que a educação é de extrema importância para a transformação do cidadão, tanto quanto da sociedade, faz-se necessário observar e refletir sobre a grande importância da profissão docente, assim como, o seu ser e o seu agir diante dos educandos, o que pode fazer toda a diferença no ensino e aprendizagem, aspectos discutidos na próxima seção.

3.1 REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA: O SER E O AGIR DO DOCENTE

A profissão docente deve ser olhada com carinho e respeito pela sociedade e, também pelos próprios docentes, pois é esta profissão que forma todas as demais profissões; são os docentes que formam os cidadãos para grandes funções dentro da sociedade. Então, cabe à sociedade respeitar e apoiar os professores e, aos professores analisarem suas práticas didáticas e seu desempenho na profissão, para que assim a desempenhem da melhor maneira possível, contribuindo com o bom desenvolvimento dos alunos para a sociedade que irão atuar.

O professor desempenha um papel fundamental na formação dos alunos. A partir de suas práticas educativas, da relação professor e aluno, do convívio em sala de aula, o aluno com ajuda do professor e da comunidade escolar vai desenvolvendo seu caráter e se preparando para enfrentar os problemas que irá encontrar na sociedade. O professor, por sua vez, pode através de sua prática motivar e impulsionar os alunos para o sucesso, como também pode desmotivá-lo, fazendo com que o aluno perca o interesse pelos estudos. Sendo assim, o professor deve refletir sobre sua prática docente, pois tem em suas mãos seres humanos em construção e pode marcá-los de maneira positiva ou negativa.

A prática educativa, pelo contrário, é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsicamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando *presenças* marcantes no mundo (FREIRE, 1997, p. 32, grifos do autor).

A sociedade no decorrer dos anos tem passado por muitas transformações e evoluções, e isto é possível observar nas crianças e nos jovens da atualidade, que já

nascem em um mundo moderno, já têm acesso a muitas informações desde cedo. Crianças e adolescentes chegam à escola com diversos conhecimentos prévios e curiosidades, cabe ao professor respeitar esses conhecimentos e buscar métodos que cativem a atenção desses alunos, fazendo com que se sintam confortáveis no meio escolar. O professor deve entender que cada aluno tem o seu ritmo de aprendizagem, mas que todos têm capacidade de aprender, e é sua missão entender seus alunos e buscar formas para repassar conhecimento a eles.

Os alunos da atualidade não veem com bons olhos as práticas tradicionais, o ensino opressor já não é mais aceito por eles. O aluno tem voz e quer ser ouvido. Para muitos professores isso tem tornado a prática didática mais dificultosa, pois os alunos fora da sala de aula têm acesso a tantos meios de comunicação e com inúmeras informações atraentes e, ao chegar à sala de aula se deparam com práticas tradicionais, se sentem desmotivados e sem interesse pela escola.

Nesse contexto, o professor deve estar sempre buscando inovar suas práticas para poder se aproximar da realidade dos alunos, deve procurar desenvolver atividades criativas, prazerosas, lúdicas e que provoquem curiosidades nos alunos, para que assim eles consigam desenvolver seu senso crítico sobre os mais diversos assuntos presentes na sociedade em que vivem. Dessa forma, o professor, tendo cativado o interesse dos estudantes, terá sucesso no desempenho de suas aulas.

Em contrapartida, nessa via de mão dupla, os professores, como já mencionado, devem ser olhados com muito carinho e respeito, pois ao longo dos anos eles têm passado por inúmeras dificuldades, tais como, desvalorização da profissão, salários baixos, condições de trabalho ruins, e também a própria convivência diária em sala de aula com os alunos, que nem sempre é positiva, principalmente pela indisciplina, entre outros fatores que prejudicam sua prática. Sobre isso, Nóvoa (1993, p. 22) aponta que:

A crise da profissão docente arrasta-se há longos anos e não se vislumbra, perspectivas de superação a curto prazo. As consequências da situação de mal-estar que atinge o professorado estão à vista de todos: desmotivação pessoal e elevados índices de absentismo e de abandono, insatisfação profissional traduzida numa atitude de desinvestimento e de indisposição constante [...].

Infelizmente, o número de professores frustrados com a profissão só aumenta, ano após ano. Nóvoa (1995) acredita que a teoria não condiz com a prática. Na teoria o ensino é idealizado, os professores preparam suas aulas e conseguem aplicá-las na íntegra em sala de aula; porém, quando chegam na realidade de uma sala de aula,

percebem que isto nem sempre é possível, que existem inúmeros fatores adversos que podem vir a atrapalhar o ensino/aprendizagem, o que acaba por decepcioná-los com a prática de ensino.

Sob uma ótica semelhante Charlot (2001, p. 91) pontua que:

Ser professor é defrontar-se incessantemente com a necessidade de decidir imediatamente no dia-a-dia da sala de aula. [...] o professor tem que decidir sem ter tempo suficiente para refletir. E, depois de decidir na urgência, ele tem que assumir as consequências da decisão, de seus atos. Esta é uma das principais dificuldades do trabalho do professor no dia-a-dia da sala de aula.

O autor ainda expõe que tanto na sala de aula quanto no ambiente escolar como um todo é possível encontrar inúmeras diversidades, sejam elas culturais ou de classes sociais. E é inegável que, alguns fatores oriundos da vida pessoal dos alunos venham conseqüentemente influenciar e afetar seu rendimento escolar. E, muitas vezes, o professor deixa de ser visto como um profissional, e acaba por acolher estes alunos com algumas dificuldades familiares, sendo capaz de fornecer carinho, atenção e cuidados especiais aos alunos que os necessitam, criando laços afetivos com os alunos.

Analisando as crianças e jovens da atualidade, que no decorrer dos anos vem acompanhando e evoluindo conforme a sociedade, observa-se a necessidade da evolução dos docentes, bem como de todos os profissionais da área da educação, para que assim consigam acompanhar os estudantes e a modernização da sociedade. É possível observar que em muitas escolas os profissionais seguem com práticas tradicionais e ultrapassadas, o que tem prejudicado o ensino/aprendizagem, e logo, a relação tão importante entre professor e aluno. Tendo isso em vista, na próxima seção serão trazidas para discussão algumas contribuições do professor Paulo Freire, que vem ao encontro do resgate necessário para a boa relação professor e aluno, do professor que necessita se adaptar a esse “novo aluno” e, a esse “novo aluno” buscar resgatar o respeito e a valorização deste agente tão importante ao processo educativo.

3.2 CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE: SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA

Dando continuidade à reflexão do ser e o agir do docente, além dos autores já citados, foi realizada uma reflexão mais aprofundada na obra do prof. Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. O livro traz

reflexões sobre a prática na formação de docentes, utilizando-se de uma abordagem educativo-progressivista, enumeradas através de algumas exigências de um ensino que busque a autonomia do ser dos educandos. A obra, dividida em três capítulos, parte da reflexão de que não há docência sem discência, que ensinar não é apenas transferir conhecimento e é uma especificidade do ser humano.

A partir das reflexões propostas na obra no que tange à prática docente, a ideia é estabelecer um diálogo com a literatura infantojuvenil, análise a que propõe este estudo, visando trazer para os dias atuais a representação do professor e do proposto por Paulo Freire nos dias atuais. Para tanto, foram selecionados alguns tópicos para a análise, sendo aqueles que apresentam relação com a discussão apresentada nas obras em análise da literatura infantojuvenil.

3.2.1 Prática Docente: Primeira Reflexão

(1) Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos - O ambiente escolar deve respeitar os saberes socialmente construídos pelos alunos em suas práticas comunitárias. O professor deve procurar vincular os saberes dos alunos com os conteúdos escolares, discutindo os problemas vivenciados por eles. Deve discutir com os alunos suas realidades concretas, fazendo a associação com os conteúdos curriculares fundamentais. Assim, podendo trazer para a sala de aula discussões importantes sobre política, ideologia, violência e a ética de classes relacionada ao descaso.

(2) Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação - Algo que seja novo não pode ser negado ou acolhido apenas por ser novo. E, nem o velho ao preservar sua validade continua novo. Toda e qualquer prática preconceituosa, seja ela de classe, de raça, de gênero, deve ser considerada uma ofensa ao ser humano além, de negar radicalmente à democracia. Ensinar o outro a pensar certo é algo que se faz e que se vive, enquanto dele se fala com a força do que se acredita. Sobre a tarefa do educador que pensa certo o autor discorre:

[...] A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica, a quem comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo, por isso, é dialógico e não polêmico (FREIRE, 2014, p. 38-39).

(3) Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática - O pensar certo em relação à prática docente crítica, abrange o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Os aprendizes da prática docente devem superar o pensar ingênuo, eles devem entender que o pensar certo é algo que ele mesmo irá criar, é claro, com o auxílio do seu professor formador, o aprendiz deve fazer uma reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, analisando-se como tal, para que assim evolua para uma prática crítica. A reflexão crítica possibilita a evolução, analisando as práticas de hoje ou de ontem pode-se desenvolver melhor as próximas práticas, “[...] quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser por que estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-se, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica [...]” (FREIRE, 2014 p. 40).

O professor da atualidade deve estar sempre aberto ao novo, deve estar sempre disposto a evoluir como profissional. Nem sempre a mesma prática didática está é a mais correta ou a mais adequada para o seu alunado. O professor deve analisar suas práticas segundo o bom aprendizado dos alunos, de acordo com as características destes. Nesse processo, nada impede que, em determinado momento de sua carreira, o professor a partir da reflexão sobre sua prática e procurando adaptar-se ao aluno, mude radicalmente sua prática, isto faz parte da evolução.

O aluno da atualidade tem voz e se expressa das mais diversas maneiras possíveis. Cabe ao professor saber escutar e respeitar os seus conhecimentos prévios, assim podendo vincular esses saberes com os mais diversos conteúdos que irá trabalhar em sala de aula. Cabe ao professor promover em sua sala de aula a aceitação e o respeito a todos, indiferente de sua posição social, religião, cor ou gênero, fomentar qualquer tipo de discriminação não é condizente à prática docente, o professor deve ser o equilíbrio na sala de aula.

3.2.2 Ensinar não é Transferir Conhecimento

(1) Ensinar exige respeito à autonomia do ser educando - O professor deve estar ciente que o respeito à autonomia e à dignidade de cada aluno é um imperativo ético, não pode ser considerado um favor concedido aos alunos. O desrespeito a esses direitos é uma transgressão. Sobre o desrespeito aos direitos dos educandos Freire (2014, p. 58-59) aponta que:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

O professor autoritário “[...] afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de ser curioso e inquieto, tanto quanto o professor licenciado, rompe com a radicalidade do ser humano – a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade [...]” (FREIRE, 2014, p. 59). O professor deve respeitar a curiosidade, o gosto estético, a inquietude, a linguagem e as diferenças de cada aluno, dialogando sobre as diferenças, respeitando cada uma delas e, assim, aprendendo e crescendo com elas. Para o autor:

[...] Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber [...] (FREIRE, 2014, p. 59-60).

(2) Ensinar exige curiosidade, um pouco mais de curiosidade - Procedimentos autoritários ou paternalistas podem ser considerados um empecilho ao exercício da curiosidade do educando e do próprio educador. A respeito do bom clima pedagógico-democrático, Freire (2014, p. 82) afirma que de fato ele:

[...] é o em que o educando vai aprendendo, à custa de sua prática mesma, que sua curiosidade, como sua liberdade, deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício. Limites eticamente assumidos por ele. Minha curiosidade não tem direito de invadir a privacidade do outro e expô-la aos demais.

A curiosidade é importante não apenas para a evolução dos alunos, mas também para a evolução do próprio professor, a curiosidade deve movê-lo, deve inquietá-lo, com ela o professor sempre irá buscar mais, e sem ela, ele não aprende e nem ensina. É fundamental que professor e os alunos “[...] saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos [...]” (FREIRE, 2014 p. 83).

O exercício da curiosidade “[...] a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente “perseguidora” do seu objetivo. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se “rigoriza”, tanto epistemológica ela vai se tornando. [...]” (FREIRE, 2014, p. 85). É necessária a promoção da *curiosidade espontânea* para a *curiosidade epistemológica*.

O autor ainda alerta sobre a harmonia ou equilíbrio entre autoridade e liberdade, deve haver respeito uma pela outra, ambas possuem limites que não devem ser transgredidos.

Ser um professor autoritário condiz a uma prática tradicional, que conforme já discutido, não é mais bem aceita pelos alunos da atualidade. O professor autoritário impede que o aluno tenha voz, impede que o aluno traga para sala de aula discussões que inquietam o seu ser, e isso, atrapalha o seu aprendizado, pois ele irá buscar sanar sua curiosidade de outras maneiras, que nem sempre serão adequadas e corretas. A autoridade atrapalha a relação professor aluno, o aluno acaba por ter medo do professor, assim não irá gostar do professor e logo, de suas aulas, e isto, com certeza, irá refletir sobre o aprendizado.

Ser um bom professor é respeitar e entender a diferença entre os educandos; assim, cabe ao professor respeitar a maneira como cada aluno se expressa, seja na forma de se vestir, na maneira de falar, de ser, de agir, ou até mesmo algo que não depende dele, mas de sua natureza, ou seja, sua aparência física (gordo, magro, alto, baixo, branco, negro, entre tantas outras). Tendo em vista que em uma sala de aula o professor irá encontrar alunos de todos os tipos e, de diversas classes sociais, tratar de maneira superior o aluno mais abastado financeiramente, ou, tratar de maneira inferior o aluno que não possui boas condições financeiras, também não condiz a uma boa prática docente. Estando o professor à frente de uma sala de aula, se promove esse tipo de diferenciação, os alunos se sentem no direito de fazê-la também, praticando bullying uns com os outros, problema bem recorrente nas escolas atualmente.

3.2.3 Ensinar é uma Especificidade Humana

(1) Ensinar exige saber escutar - O autor fala sobre o sonho democrático e solidário, não é falando de cima para baixo aos outros, como se o educador fosse portador da verdade que ele vai aprender a escutar, mas é aprendendo a escutar que se aprende a falar com os educandos.

Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. O que jamais faz quem a aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele (FREIRE 2014, p. 111).

No processo da fala e da escuta, a disciplina do silêncio deve ser exercida “[...] com rigor e a seu tempo pelos que falam pelos sujeitos que falam e escutam é um *sine qua* da comunicação dialógica [...]” (FREIRE, 2014, p.114). É necessário que quem tem o que dizer entenda que há outras pessoas que também tem o que dizer, logo, ele precisa escutá-las também, e, não apenas falar sem ouvir. Quem tem o que dizer deve desafiar a quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale e responda. Sendo assim, o autor promove um diferencial entre o educador autoritário e o educador democrático, por isso é que:

acrescento quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, responda. É intolerável o direito que se dá a si mesmo o educador autoritário de comportar-se como o proprietário da verdade de que se apossa e do tempo para discorrer sobre ela. Para ele, quem escuta sequer tem um tempo próprio, pois o tempo de quem escuta é o seu, o tempo de sua fala. Sua fala, por isso mesmo, se dá num espaço silenciado e não num espaço com ou em silêncio. Ao contrário, o espaço do educador democrático, que aprende a falar escutando, é “cortado” pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, silencioso, e não silenciado, fala (FREIRE, 2014, p. 114-115).

Aceitar e respeitar as diferenças é primordial ao educador, discriminar “[...] o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino indígena, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária [...]” (FREIRE, 2014, p.118), não permite que o professor as escute, e não as escutando, não pode falar com elas, mas a elas, de cima para baixo. E isso, não possibilita o entendimento entre educador e educando, a superioridade do educador aos que são diferentes é um sinal que ele se recusa a escutá-los ou escutá-las. “[...] O diferente não é o outro a merecer respeito, é um isto ou aquilo, destratável ou desprezível.[...]” (FREIRE, 2014, p.118).

O educador deve ser humilde, deve entender que sua forma de pensar não é a única certa, que há muitos outros pensamentos e discursos diferentes dos seus, pode-se tomar como exemplo o professor que trata com diferença o aluno por ele falar ou escrever de maneira diferente da forma padrão da gramática dominante. Agindo dessa maneira o professor está sendo intolerante e não está respeitando os seus alunos. “[...] A

falta de humildade, expressa na arrogância e na falsa superioridade de uma pessoa sobre a outra, de um gênero sobre o outro, de uma classe ou de uma cultura sobre a outra, é uma transgressão de vocação humana do Ser Mais [...]” (FREIRE, 2014, p. 119).

O professor pode não agredir fisicamente o seu aluno, mas, através de suas palavras e suas atitudes pode “[...] golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudicá-lo no processo de sua aprendizagem [...]” (FREIRE, 2014, p. 119). É papel do professor respeitar a “leitura de mundo” que o aluno traz para a escola, isso não significa que o professor deve concordar com ela ou aderir à ela, mas sim, que professor e aluno devem buscar juntos uma maneira mais crítica de ver o mundo

A partir da leitura de mundo do educando, o professor deve fazer com que ele entenda o papel da curiosidade. A curiosidade é “[...] fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. E a curiosidade assim metodicamente rigorizada faz achados cada vez mais exatos [...]” (FREIRE, 2014, p. 120). Não apenas o professor, mas todo o ambiente escolar deve de maneira geral fomentar a curiosidade dos alunos, sobre isso Freire (2014, p. 121) discorre que:

[...] É imprescindível, portanto, que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou “domesticá-la”. É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera a sua capacidade de achar obstaculiza a exatidão achado. É preciso por outro lado, e sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência no mundo e não apenas de receptor da que lhe seja transferida pelo professor.

Sendo assim, o professor ao ensinar o conteúdo ao aluno deve “[...] desafiá-lo a que vá percebendo na e pela própria prática, sujeito capaz de saber [...]” (FREIRE, 2014, p. 121). O papel do professor não é apenas de ensinar os conteúdos aos alunos, mas também, de “[...] ajudá-lo a reconhecer como arquiteto de sua própria prática cognitivista [...]” (FREIRE, 2014, p. 121).

(2) Ensinar exige querer bem aos educandos - Ser um professor exige do educador o querer bem dos educandos e, também o querer bem de sua própria prática educativa. O querer bem dos educandos não significa que o professor deve querer bem todos os alunos de maneira igual, mas significa o entendimento da profissão como uma prática específica do ser humano, e as emoções fazem parte da vida humana, assim, o professor não deve ter medo de senti-las e expressá-las. “[...] Na verdade, preciso descartar como falsa a separação entre seriedade docente e afetividade [...]” (FREIRE, 2014, p. 138). Do ponto de vista democrático, o professor não deve ser severo, frio,

distante e “cinzento” em sua relação com os alunos e ao ensino, pelo contrário, o professor deve deixar que a afetividade flua nestas relações. Porém, o educador não deve permitir que a afetividade interfira no cumprimento ético de seus deveres em sala de aula, ou no seu domínio perante aos alunos. “[...] Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem-querer que tenho por ele [...]” (FREIRE, 2014, p. 138). O professor em todos os momentos deve ser justo.

O professor que quer bem aos seus educandos e a sua prática educativa, desempenha seu papel com alegria, e isso é perceptível em sua sala de aula. As atividades docentes e a discência não se separam, é uma atividade que tende a ser alegre por natureza. O autor ainda afirma que para uma boa prática educativa é necessário ter vocação, ter amor à profissão, então Freire (2014, p. 139) amorosamente acrescenta que,

É esta misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção, com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever. Amorosamente, acrescento. Mas é preciso, sublinho, que, permanecendo e amorosamente cumprindo o seu dever, não deixe de lutar politicamente por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos.

Porém, é importante observar que mesmo o professor promovendo suas práticas educativas com afetividade e alegria, isso não o exime de sua formação científica e de sua clareza política. Para Freire (2014, p. 140), “[...] A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje”.

Sendo assim, a prática docente exige dos educadores um nível de responsabilidade ética muito alta, e isto engloba uma boa formação científica. O trabalho do educador está ligado a diversos tipos de pessoas, pessoas que estão em processo de busca; estão buscando uma formação, buscando uma mudança, buscando melhora de vida, buscando crescimento profissional e pessoal, buscando os mais diversos saberes e, acima de tudo, correndo atrás de seus sonhos. Em relação aos sentimentos dos educando, isto inclui os seus sonhos, o professor não deve permanecer indiferente a eles, mas sim, da maneira como é possível, deve ouvi-los, orientá-los e incentivá-los de maneira positiva em relação a eles.

É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as utopias e os desejos, as frustrações, as intenções, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos

impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que inclusive me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. Desde que não prejudique o tempo normal da docência, não posso fechar-me a seu sofrimento ou a sua inquietação porque não sou terapeuta ou assistente social. Mas sou gente. O que não posso, por uma questão de ética e de respeito profissional, é pretender passar por terapeuta. Não posso negar a minha condição de gente de que se alonga, pela minha abertura humana, uma certa dimensão terapêutica (FREIRE, 2014, p. 141).

Não apenas na profissão docente, mas em todas as profissões se faz necessário gostar daquilo que se faz, tendo amor pela sua profissão não a torna um peso em sua vida, e isso é de extrema importância para a saúde física e mental das pessoas. Na profissão docente, ter vocação para desempenhá-la faz toda a diferença, pois trabalha-se com vidas, e o professor que a não desempenha bem não poderá formar bons alunos, logo não formará bons cidadãos para a sociedade. Assim como um médico que não tem uma boa prática, pode matar ou deixar ainda mais doentes seus pacientes, o professor pode também salvar ou destruir a significação da aprendizagem dos seus alunos.

Para que o professor obtenha sucesso em sala de aula no ensino/aprendizagem, ele deve saber escutar todos os seus educandos, aprendendo a escutá-los ele irá compreender o seu mundo e as suas necessidades e, assim poderá falar de igual para igual com eles, podendo ser entendido.

4 METODOLOGIA

O presente capítulo visa apresentar as decisões metodológicas acerca dos livros selecionados para a análise e encaminhamentos para a discussão. Em um primeiro momento, tendo em vista o objetivo geral da pesquisa, de verificar como se faz a representação do docente e da escola na literatura infantojuvenil, salienta-se que foram escolhidas duas obras para a discussão, as quais tratam do professor, da escola e também do aluno. Para o encaminhamento da discussão serão tomados como base tópicos de Paulo Freire na obra *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*, que trazem a reflexão para a prática do professor e sua relação com o aluno.

O primeiro livro analisado, *Uma escola assim, eu quero pra mim*, de Elias José, foi publicado no ano de 2007. As ilustrações foram feitas por Ricardo Dantas, elas são bem grandes, chamativas e coloridas, expressam muito bem as emoções dos personagens, tais como: tristeza, alegria, ódio, ira e decepção. A obra possui 29 páginas, e foi publicada pela Editora Ceciliany Alves. É indicada para crianças a partir dos seis anos de idade e dedicada “Para os professores que aprenderam a colocar alegria e criatividade no ato de ensinar” (JOSÉ, 2007, p. 5). Abaixo a capa do livro (FIGURA 1):

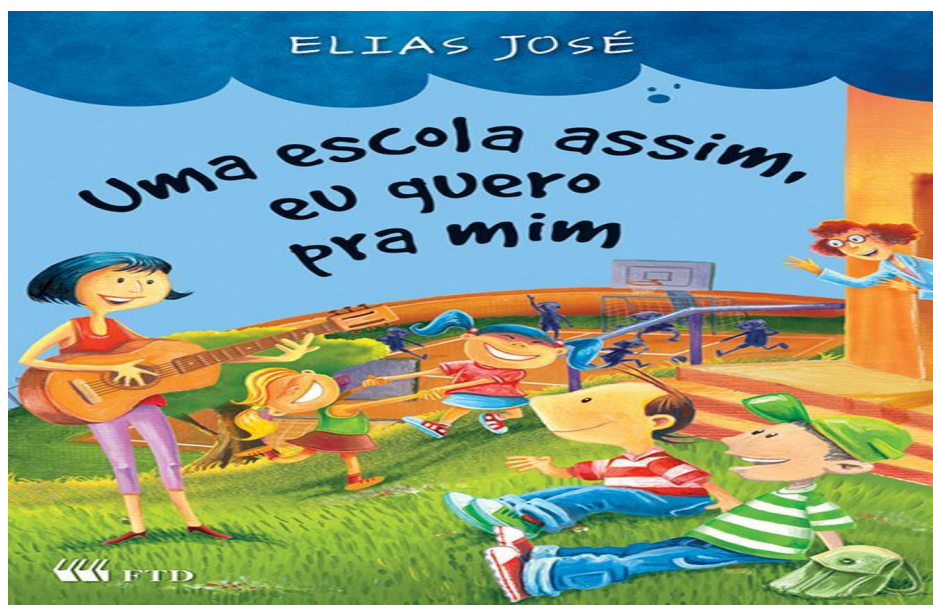


FIGURA 1 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM

Fonte: José, 2007, capa do livro.

O segundo Livro analisado por este estudo é *Pinóquio às avessas*, de Rubem Alves, publicado em 2010 pela editora Verus. O autor recria a trajetória do Pinóquio, o boneco do autor italiano Carlo Collodi. As ilustrações são do famoso autor e ilustrador Mauricio de Souza. O livro possui 46 páginas, bem maior que o primeiro livro, praticamente todas as páginas possuem ilustrações que condizem com o texto que está sendo tratado na página. As ilustrações são chamativas, coloridas e muito expressivas, típicas do seu criador. O autor dedica a história às crianças, porém adverte “[...] mas os pais e os professores que devem lê-la.” (ALVES, 2010, p. 8). Abaixo a capa do livro (FIGURA 2):

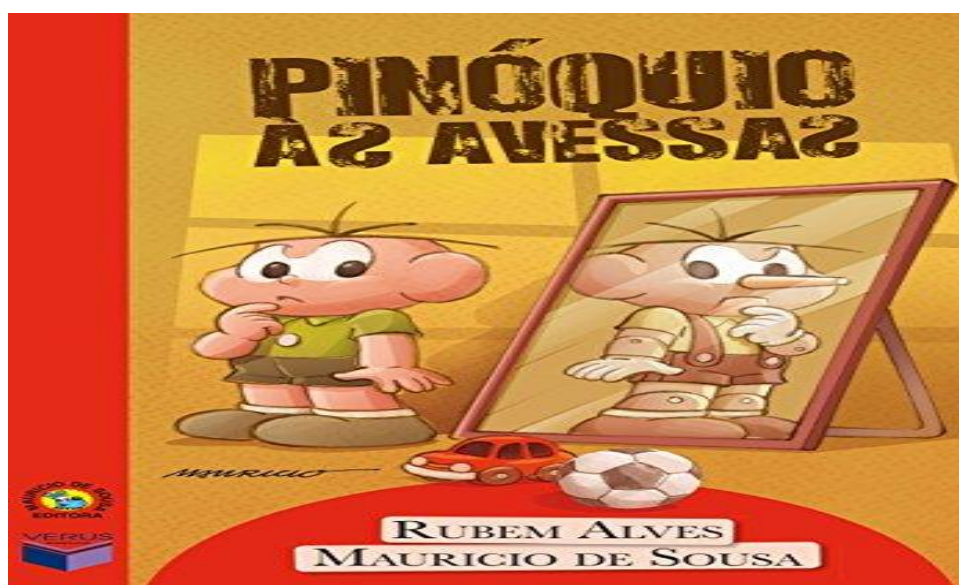


FIGURA 2 - PINÓQUIO AS AVESSAS

Fonte: Alves, 2010, capa do livro.

Ao longo da trajetória do curso de Letras, e por ser um assunto atual dentro da comunidade escolar, faz-se necessário uma reflexão sobre a importância da escola e do professor para a formação dos cidadãos. Então, para alavancar a discussão sobre esses temas foram selecionadas as obras acima apresentadas, obras recentes de 2007 e 2010. A escolha dessas obras, se deu por estarem relacionadas com a discussão a que se propõe este estudo, assim como possuírem em comum reflexões acerca da escola, do professor e do aluno.

Para que a presente pesquisa pudesse ser realizada, inicialmente buscou-se bibliografias e artigos teóricos que viessem ao encontro dos objetivos deste trabalho

acadêmico, e, assim, embasaram a análise pretendida neste estudo, que envolve as seguintes categorias, evidenciadas com base em Paulo Freire (2014): a) Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos; b) ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; c) ensinar exige reflexão crítica sobre a prática; d) ensinar exige respeito à autonomia do ser educando e a sua curiosidade; e e) ensinar exige saber escutar e querer bem aos educandos. Os tópicos apresentados serão analisados na próxima seção.

5 A REPRESENTAÇÃO DO DOCENTE E DA ESCOLA DENTRO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL: DISCUSSÃO

Neste capítulo, é apresentada a análise realizada a partir dos livros *Uma escola assim, eu quero pra mim* e *Pinóquio às avessas*, de literatura infantojuvenil, conforme apresentado na seção metodológica. Iniciamos por uma apresentação resumida das obras em estudo, para melhor situar o leitor e, posteriormente, a discussão com base em Paulo Freire.

5.1 SOBRE AS OBRAS EM ANÁLISE

A obra *Uma escola assim, eu quero pra mim*, conta sobre o ingresso do personagem Rodrigo na escola, menino que “[...] veio do sítio para a escola, sem ter frequentado o infantil” (JOSÉ, 2007, p.7). O novo aluno chega até a escola muito empolgado, “[...] doidinho para aprender a descobrir os segredos que havia no encontro das letras” (JOSÉ, 2007, p.7). Infelizmente, o entusiasmo do menino acabou por virar decepção ao encontrar Dona Marisa, a professora, a qual possui um jeito autoritário, tradicional e crítico em relação aos alunos, e Rodrigo se sente rejeitado pela professora e pelos colegas ao ser chacoteado pelo seu jeito ‘caipira’ de falar. Quando o aluno já não aguenta mais a situação, ele decide parar com seus estudos, decide ir embora da escola para nunca mais voltar e se tornar definitivamente um agricultor, assim como os integrantes de sua família.

Nesse momento, a diretora interfere na situação, e pede para que o aluno tenha paciência, pois no dia seguinte iniciaria uma outra professora, Celinha, já que Dona Marisa entraria em licença maternidade. Rodrigo seguiu os conselhos da diretora e vai para a escola no dia seguinte conhecer a nova professora. Celinha é o oposto da outra professora, ela é alegre, dinâmica e meiga, acaba por transformar o ambiente de sala de aula em verdadeiros momentos de diversão, aprendizado e prazer. A Figura 3, a seguir, ilustra o momento em que Rodrigo parte para a escola, dia em que mudaria sua vida. A alegria do menino, por esta nova descoberta, é explícita na imagem.



FIGURA 3 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM

Fonte: José, 2007, p. 6-7.

A história *Pinóquio às avessas*¹, conta sobre a vida inteira do seu personagem, Felipe, um menino muito sonhador. A história se inicia com o pai de Felipe lhe contando uma história sobre Pinóquio. Pinóquio era um boneco de madeira e apenas após frequentar a escola se tornou gente de verdade. O pai tinha a intenção de falar para o filho que quem apenas pensa em brincar e não vai para a escola acaba por se tornar burro e que, a partir do momento em que se frequenta a escola, as crianças se tornam gente de verdade. Então Felipe refletiu “[...] Ainda não fui à escola. Ainda não sou gente de verdade [...]” (ALVES, 2010, p.11).

Conforme Felipe ia crescendo sua curiosidade ia aumentando, tudo ele queria saber, tudo ele queria entender e, então, perguntava para os seus pais, quando os pais já não tinham mais respostas para tantas perguntas eles diziam: “[...] Na escola você aprenderá [...]” (ALVES, 2010, p. 16), a resposta deixava o menino feliz e empolgado em saber que existia um lugar que poderia responder todas as suas dúvidas, então

¹ O resumo das obras está desproporcional devido ao tamanho, também, desproporcional das obras. A obra *Pinóquio às avessas* (2010) possui 46 páginas, enquanto, a obra *Uma escola assim, eu quero pra mim* (2007) contém 29 páginas.

pensava ele “[...] A escola deve ser um lugar maravilhoso. Lá os professores responderão todas as minhas perguntas...” (ALVES, 2010, p. 16).

De todas as coisas que existia no mundo, o que mais chamava a atenção de Felipe eram os pássaros, tinha um verdadeiro fascínio por tudo que os envolvia. Portanto, Felipe pensava que quando crescesse queria ser cuidador de pássaros.

Então, finalmente chegou o dia que Felipe foi para a escola, ele estava muito feliz, porque agora todas as suas dúvidas seriam respondidas. Na escola, Felipe encontrou crianças brincando no pátio e com elas também brincou. Em seguida uma campainha soou, e todas as crianças pararam e as professoras os organizaram em filas para irem para a sala de aula. Já no segundo dia de aula, Felipe tinha uma pergunta para fazer para a professora de português, gostaria de saber o nome de um pássaro azul que ele tinha visto na caminho para a escola, já que a professora havia falado que “[...] A importância da língua é que com as palavras damos nomes às coisas.” (ALVES, 2010, p, 28), porém, a professora não respondeu a pergunta de Felipe, segundo ela o assunto não fazia parte do programa de ensino da matéria.

Com o passar dos dias, Felipe perdeu o interesse pela escola, pois na escola ele sempre ficava pensando coisas que não era hora de pensar, logo, não conseguia se concentrar, sua professora lhe encaminhou para a psicóloga e, Felipe foi diagnosticado com distúrbio de atenção. A notícia entristeceu muito os pais de Felipe, que disseram para o menino que se ele não parasse de pensar em pássaros ficaria burro, lhe cresceriam orelhas e um rabo, assim como em Pinóquio. Desde então, por não querer decepcionar os pais, Felipe decidiu seguir seus conselhos e não pensaria mais em pássaros. Felipe passou a tirar as melhores notas da classe, decorava todos os nomes que os professores passavam nas aulas, e ele nunca mais precisou ser encaminhado ao psicólogo.

Quando chegou o vestibular, Felipe ficou em primeiro lugar, nesta época, Felipe já nem se lembrava mais do seu grande sonho, ser cuidador de pássaros. Felipe havia aprendido que a coisa mais importante era entrar para o mercado de trabalho. Os pássaros são livres não podem ser vendidos, já os frangos sim. Então Felipe se tornou um frangologista, especialista em linguixas, se tornou rico, era um profissional respeitado, fez doutorado e PhD.

Mesmo depois do sucesso, de ter se tornado motivo de orgulho para seus pais, Felipe não se sentia feliz, então decidiu procurar um psicanalista para analisar seus sonhos, “[...] pois é neles que mora nossa verdade [...]” (ALVES, 2010, p. 45). Felipe

sonhava com um pássaro azul, mas não conseguia lembrar seu nome, o pássaro no sonho lhe dizia que se ele conseguisse lembrar o seu nome seria feliz, mas Felipe não conseguia. Muito tempo passou e Felipe já tinha sua idade avançada, então, em uma noite ele teve um lindo sonho, sonhou com uma fada azul, estrela, asas de borboletas, varinha mágica e arco-íris, como num passe de mágica ele descobriu o nome do pássaro azul e voltou a ser criança, “[...] Nesse momento, uma onda de felicidade encheu sua alma...” (ALVES, 2010, p. 46). Felipe pode ser caracterizado como um personagem carismático e intenso, uma criança curiosa e inquieta em relação ao mundo, conforme ilustra a Figura 4, a seguir.



FIGURA 4 - PINÓQUIO AS AVESSAS

Fonte: Alves, 2010, p.31.

Após a introdução das obras, pode-se afirmar que, nas duas, o papel do professor e da escola vem afetar de maneira positiva e negativa a vida de seus personagens. As duas personagens se assemelham quanto à curiosidade e alegria em ir para escola e pelas frustrações encontradas ao chegar. A partir do próximo tópico, serão analisadas as categorias, a partir de Paulo Freire (2014), já elencadas na metodologia deste trabalho.

5.2 ENSINAR EXIGE RESPEITO AOS SABERES DOS EDUCANDOS

Conforme já foi elencado, (cf. seção 2.2.1), a escola e os professores devem respeitar os saberes socialmente construídos pelos educandos em suas práticas comunitárias, procurando uma maneira de vincular os saberes dos alunos com os conteúdos a serem ensinados na escola.

No livro *Uma escola assim, eu quero para mim*, a personagem Rodrigo é um garoto do sítio, possuía um jeito ‘caipira’ de falar e, nunca havia frequentado a escola antes; chegou à escola entusiasmado para aprender, porém sua professora Dona Marisa, logo acaba com seu entusiasmo com sua maneira rude e sem paciência de ensinar.

[...] – Rodrigo, trouxe os exercícios da semana passada? – perguntou ela, cumprindo a promessa de cobrar.
 - Eu truce, mas o di onti eu num consegui...
 Nem acabou a frase e dona Marisa **berrou**:
 - Repita: eu trouxe, mas o de ontem não consegui.
 Rodrigo repetiu certinho, mas tremendo, vermelho e gaguejando [...] (JOSÉ, 2007, p. 8, grifo nosso).

A partir do trecho acima citado, nota-se que a professora não tem respeito nenhum para com a linguagem que aluno chega até a escola. Não se trata de uma variedade da norma culta, sendo diferente da escola, mas é a única maneira que ele aprendeu no seu convívio social. Corrigindo o aluno desta maneira, a professora o inferioriza, faz com que ele tenha “[...] ódio da escola, da professora e da turma [...]” (JOSÉ, 2007, p. 8).

Para a alegria do menino, a professora substituta de Dona Marisa, Celinha, tinha um comportamento diferente, ela respeitava todos os alunos e seus saberes. Prova disso foi quando ela apareceu na sala de aula com um violão e cantou para a turma, em seguida ofereceu seu violão para quem soubesse tocar. Para a surpresa de todos, Rodrigo sabia tocar, mas estava acuado,

- Eu só sei cantá errando. Coisa de caipira, que professora e genti da cidadi num gosta.
 - Eu gosto sim – disse a professora.
 - Eu adoro. Também sou da roça, menino! – exclamou a diretora.
 A turma recomeçou:
 - CANTA – CANTA – CANTA – CANTA – CANTA – CANTA – CANTA
 – CANTA- CANTA.
 Sem outro jeito, Rodrigo pegou o violão, acertou as cordas do jeito dele e soltou a voz no Menino da porteira. Foi tanto bis que ele cantando até o que não pediram. E sem pedir desculpas pelo sucesso (JOSÉ, 2007, p. 25).

Dona Celinha aproveitou do saber que o aluno já possuía para uma atividade escolar. Demonstrou aceitar sua maneira de ser, de falar e de agir para que ele se sentisse a vontade e se soltasse com a turma.

Já em *Pinóquio as avessas*, Felipe chega até a escola cheio de curiosidades, doidinho para obter a resposta de suas perguntas. Já no segundo dia de aula, Felipe faz uma pergunta para a professora, porém não obtém a resposta desejada:

- Que bom que a nossa língua serve para dar nomes às coisas! Eu gosto de pássaros. Ao vir para a escola, vi um pássaro azul que come mamão. Mas não sei o nome dele. A senhora que ensina nomes, poderia me dizer qual é o nome dele?

A professora sorriu e disse:

- Agora não é hora de pensar em pássaros. Os nomes dos pássaros não estão no programa de português. Na aula de português, temos de pensar e falar sobre aquilo que o programa manda (ALVES, 2010, p.29).

O aluno ficou sem entender nada, e a partir da resposta da professora é possível perceber que ela também, em sua reação, acaba por ignorar o saber e o gosto do aluno; talvez se ela procurasse vincular a curiosidade de Felipe com os seus conteúdos escolares ele não perderia mais tarde o ânimo de frequentar a escola.

A partir da análise realizada, observa-se que “respeitar aos saberes dos educandos”, conforme aponta Freire (2014), pode ser uma maneira de atrair o aluno aos conteúdos que fazem parte do currículo escolar. Utilizando assuntos que eles já estão acostumados e que já fazem parte de suas vidas para assim, introduzir novos assuntos, novos conteúdos. O professor não deve reprimir o aluno, para que ele não perca o interesse pela escola, por aprender. O professor deve manter uma boa relação com os alunos, assim suas aulas serão prazerosas e divertidas, mantendo o interesse do aluno e o ensinando, isso facilita a prática escolar.

5.3 ENSINAR EXIGE RISCO, ACEITAÇÃO DO NOVO E REJEIÇÃO A QUALQUER FORMA DE DISCRIMINAÇÃO

Nas duas obras analisadas é possível observar que a Dona Marisa, da história *Uma escola assim, eu quero pra mim*, e a professora de português de *Pinóquio às avessas* possuem práticas tradicionais de ensino, não se mostrando abertas ao novo, o que segundo Freire (2014) pode ser prejudicial ao bom desempenho do ensino/aprendizagem, logo, afetando a relação entre o professor e o aluno. A professora

de Português não cogita a hipótese de ensinar nada fora do programa de português. E, Dona Marisa demonstra ser uma professora tradicional por usar cartilhas de ensino e também pela forma como repreende Rodrigo pela sua maneira de falar, atitude que o professor deve evitar ter com um aluno perante a turma para que este não se sinta humilhado e menosprezado diante dos colegas.

Na história *Uma escola assim, eu quero para mim*, é possível perceber que a professora Dona Marisa discrimina Rodrigo por ser do sítio, por sua maneira ‘caipira’ de falar; a professora não aceita o aluno e o corrige rispidamente perante a turma, o que faz com que Rodrigo se sinta inferiorizado, “[...] Ninguém podia errar que ela virava galinha choca. E os meninos e meninas, sabichões e bem vestidinhos, estavam sempre prontos para tirar sarro da cara de Rodrigo” (JOSÉ, 2007, p.8). A professora tenta impor a todo custo ao aluno uma maneira diferente de falar e Rodrigo apresenta muita dificuldade na escola, dificuldade para ler e escrever, e isto devido à maneira muitas vezes autoritária da professora, sem paciência para ensinar. A discriminação por parte da professora com Rodrigo faz com ele se sinta menos que os outros, incapaz de aprender, e, assim, acaba perdendo o interesse pelos estudos.

Rodrigo chegava na casa da avó, com quem estava morando agora, triste e arrasado. Sentia-se menor, mais magrinho e ignorante, Queria desistir da escola, voltar para o sítio. Seria um retireiro feliz, como seu pai. Bobagem da mãe, um luxo achar que quem não estuda sofre muito e não sabe quase nada da vida. Ele não sabia falar como doutor. Mas sabia tirar leite, cuidar das vacas, separar os bezerros, plantar e colher (JOSÉ, 2007, p.9).

Como salienta Freire (2014) a discriminação na prática escolar é um ponto muito negativo, acaba por atrapalhar a relação do professor e do aluno, acaba por afastar o aluno do professor e da escola, fazendo com que o aluno perca seu interesse pelos estudos. Isto é muito perceptível nas obras. Manter uma prática tradicional e não aceitar o novo, também é um fator prejudicial à prática escolar. O professor que não busca inovar suas práticas e caminhar junto com a modernidade torna suas aulas cansativas, repetitivas, não instiga a atenção dos alunos, também atrapalhando o processo ensino/aprendizagem.

5.4 ENSINAR EXIGE REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A PRÁTICA

Como já abordado no tópico anterior, Dona Marisa e a professora de português de *Pinóquio às Avessas*, podem ser consideradas professoras tradicionais, professoras

que não refletem sobre sua prática, que não são capazes de observar o não interesse dos seus alunos pelas suas aulas. Ambas as professoras demonstram estar estagnadas em suas práticas de ensino, o que vai na direção contrária do que propõe Freire (2014, p. 39) a respeito de uma prática docente crítica “[...] implicante do pensar certo, envolve movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer [...]”. A professora de português, sempre assim tratada na obra, *Pinóquio às Avessas*, sem ser tratada pelo nome, o que já demonstra o distanciamento do aluno com ela, tenta erroneamente explicar para uma criança recém chegada à escola que, ali, ele não vai aprender o que quer aprender, mas sim o que o programa de conteúdos manda que as escolas ensinem aos alunos.

- Professora, o que é programa?

Sabendo que Felipe era uma criança, ela explicou de forma bem fácil:

- Programa é uma fila com todas as coisas que você deve aprender na escola, colocadas uma atrás da outra.

- E... professora... – Felipe continuou – quem diz quais são as coisas que devo aprender? Quem colocou em fila as coisas que devo aprender?

- Quem põe os conhecimentos em fila são pessoas muito inteligentes, do governo.

- E como é que eles sabem o que quero aprender, se não me conhecem e moram longe de mim?

- A escola não é para você aprender aquilo que quer disse a professora. – A escola é para você aprender aquilo que deve aprender. O que você deve aprender é aquilo que disseram os homens inteligentes do governo. Tudo na ordem certa. Uma coisa de cada vez. Todas as crianças ao mesmo tempo. Na mesma velocidade...

- Professora – Felipe continuou -, todas as crianças podem aprender na mesma velocidade?

A professora achou melhor não continuar a conversa. Mudou de assunto.

Felipe se calou. Ficou decepcionado. Havia pensado que na escola os professores dariam respostas a suas perguntas (ALVES, 2010, p. 30).

A partir do trecho acima, pode-se perceber que a professora de português não se mostra flexível quanto ao conteúdo, de que adianta explicar coisas tão complexas a uma criança tão pequena, recém chegada à escola. O trecho demonstra que a professora e a escola estão engessadas a um programa de ensino, e que não irão ensinar nada além daquilo e pronto. A maneira que a professora e a escola enquadram Felipe faz com que ele tenha uma visão errada da prática didática e dos professores, “[...] Professor de português sabe português, professor de geografia sabe geografia, professor de história sabe história... Mas qual é o professor que quer saber o nome do pássaro azul?” (ALVES, 2010, p. 31), bem, se sabe que a maioria dos professores se especializa em sua matéria principal, mas isto não quer dizer que eles não possuam muitos outros conhecimentos.

É possível observar também que a professora quer que as crianças aprendam ao mesmo tempo, e como já foi mencionado neste texto, isto não é possível, cada criança possui um tempo de aprendizado e cabe ao professor respeitá-lo. A própria personagem da obra reflete sobre essa diferenciação imposta pelo programa de ensino escolar aos alunos. Em uma sala de aula sabe-se que é possível encontrar alunos com baixo, médio e alto nível de aprendizado, e as notas dadas a esses alunos mostram essa distinção entre eles. Na obra analisada, *Pinóquio às Avessas*, observa-se que o aluno muitas vezes não se sente à vontade com essa nota, podendo se sentir inferiorizado em relação aos demais alunos, ou, de maneira errada, se sente superior aos outros, assim, não entendo qual é o sentido disto. Após ter um sonho feliz, Felipe acorda e reflete seu sonho em relação à escola:

Seria bom, se, na escola, fosse como na corrida do Dodô. Cada um corre com uma velocidade diferente e , ao final, todos recebem prêmios. Na escola é diferente. Só levam prêmios os que chegam na frente. Mas onde é a frente? (ALVES, 2010, p. 34.)

Mais uma vez, percebe-se que as atitudes do professor e da escola acabam por decepcionar o aluno, fazendo com que ele não tenha interesse pela escola e pelos estudos. A professora de português da obra reflete sobre sua prática educativa? Será que ela tem consciência do que sua prática representa para os alunos? A escola trata de maneira igual os seus alunos, independente da sua capacidade de aprender?

Nessa mesma obra, ainda é possível analisar a crítica que o personagem faz em relação à maneira como o sistema de ensino mecaniza a escola, e acabam por engessar os professores e suas práticas didáticas.

Felipe achou curioso o jeito dos professores. Tocava uma campainha. Entrava a professora de geografia. Por 45 minutos ela falava sobre montanhas, rios, mares. Ai tocava outra campainha. Ela arrumava suas coisas e ia embora. Entrava outro professor, o de estória. Por 45 minutos ele falava sobre navegações, países, revoluções, guerras, nomes de heróis, datas. Ai tocava de novo a campainha. Ele arrumava suas coisas e ia embora. Entrava a professora de português e por 45 minutos falava sobre as coisas da língua... (ALVES, 2010, p.34).

O garoto compara a escola como sendo igual a uma televisão, um aparelho mecânico, mas ao invés de ter que apertar um botão para trocar de canal, “[...] Na escola é a campainha que faz mudar o canal do pensamento. Esse deve ser o jeito certo. Pensar as coisas certas nas horas certas, ao aperto do botão [...]” (ALVES, 2010, p. 34-35).

Muitas vezes a escola acaba por engessar tanto os professores e suas práticas, que eles simplesmente fazem porque o programa os manda, mas sem refletir sobre o

porquê ensinar determinado conteúdo, e qual seria a melhor maneira para ensiná-lo. É possível perceber isso quando Felipe questiona sua professora de português sobre para que servem os dígrafos, e ela se da conta que nunca havia sido questionada sobre o assunto; “[...] Ela ensinava porque estava no programa [...]” (ALVES, 2010, p.35), e sua resposta demonstrou um total distanciamento a respeito da real importância da educação, que é fazer o aluno evoluir em todos os aspectos de sua vida humana. Assim, conseqüentemente, irá de maneira positiva atuar na sociedade, “[...] - É preciso saber essa palavra para tirar boas notas no boletim. Ela vai cair na prova. Vai cair no vestibular. É preciso aprender porque vai cair no vestibular” (ALVES, 2010, p. 35). Com isso, mais uma vez a professora de português e escola distorcem a visão de Felipe a respeito da real importância da educação para a vida humana, também, sobre as práticas didáticas e o professor.

De noite, Felipe pensou “Aprendi duas coisas. Primeiro, que os professores não gostam quando a gente faz pergunta que eles não sabem responder. Segundo, que na escola conhecimentos não valem por serem úteis. Valem porque vão cair na prova...” (ALVES, 2010, p. 35-36).

Já a segunda professora da obra *Uma escola assim, eu quero pra mim*, professora Celinha, possui muitos métodos diferenciados que acabam por cativar o seu alunado. Na obra, a professora conta para a turma que havia completado seus estudos no ano anterior, então é uma professora iniciando sua carreira, o que vem ao encontro a sua disposição e animação para ensinar. A professora Celinha, substituta, logo em sua chegada foi conquistando com seu jeito dinâmico e meigo de tratar as crianças, demonstrando interesse e respeito por eles, “[...] A turma foi rindo dela, gostando dela [...]” (JOSÉ, 2007, p. 16). Dona Celinha inventava mil maneiras diferentes de ensinar, contava muitas histórias e as lia gostoso, também trazia para a sala de aula seu violão, o que a alegrava a criançada. A didática da professora demonstra que ela se importa com aprendizado dos alunos, e sabe que quanto mais prazerosas forem suas aulas, mais os alunos irão aprender.

Infelizmente, para a turma da história *Uma escola assim, eu quero pra mim* chega o dia em que a professora Dona Marisa irá retornar, e dona Celinha se despedir, e, não havia o que pudesse ser feito para que isto não acontecesse. Porém, Dona Marisa surpreende a turma, e a turma também a surpreende por não aceitar mais sua maneira tradicional de ensino, então a professora procura outros métodos para tornar suas aulas mais produtivas prazerosas aos educandos.

[...] Quando pediu que trouxessem no outro dia a cartilha, Rodrigo não aguentou:

- A minha eu nem sei onde enfiei. E nem sei para que aquela cartilha, qui a genti já tá cansadu de sabe lê...

Com a turma concordando e falando junto, dona Marisa viu que teria de inventar outros caminhos... (JOSÉ, 2007, p. 28).

A partir da atitude da professora Dona Marisa é possível analisar que ela refletiu sobre a sua prática, e percebeu que não era o que agradava seus alunos e, assim, procurou inovar suas maneiras de ensinar, buscando maneiras lúdicas de ensinar. Esta atitude que teve a professora é uma atitude importante para os profissionais da educação. Mesmo dando aula há algum tempo e tendo as mesmas didáticas, a professora aceitou as críticas construtivas dos alunos e buscou melhorar o seu desempenho profissional, buscou inovar suas técnicas para o melhor andamento de suas aulas. Isto reflete em sua relação com os alunos que ao final do livro passam a querer bem a professora.

5.5 ENSINAR EXIGE RESPEITO À AUTONOMIA DO SER EDUCANDO E A SUA CURIOSIDADE

Respeitar a autonomia do ser educando, de acordo com Freire (2014), vai muito além de respeitar a classe social, raça ou gênero de cada aluno, isto se refere a respeitar a autonomia de cada um, ou seja, o seu modo de ser, de agir, de pensar, de falar de se expressar.

Nas duas obras é possível perceber que há professoras que demonstram nas suas práticas não respeitar o jeito de ser dos seus alunos. Na primeira obra, *Uma escola assim, eu quero pra mim*, a professora dona Marisa não respeita a linguagem, a sintaxe que seu aluno Rodrigo apresenta.

Uma manhã, Rodrigo soltou um ‘nóis fumo’ e a professora mandou que ele repetisse dez vezes: ‘nós fomos’. Foi um prato cheio para a turma cair na gozação. Ele terminou a frase tremendo. Descia água dos olhos e do nariz. Estava vermelho de raiva. Juntou os objetos e saiu voando da classe, nem ligou para os gritos de dona Marisa e as risadas dos colegas (JOSÉ, 2007, p. 11).

A atitude da professora é totalmente errada para com o aluno. Além de ela inferiorizar e humilhar o estudante perante a turma, ela abre espaço para a discriminação

e para o bullying na sala de aula, que muitas vezes os alunos já praticam por si só, a atitude da professora pode reforçar ainda mais esse tipo de comportamento.

É importante destacar que, a língua culta também deve ser ensinada nas escolas, considerando a realidade de muitos alunos que, muitas vezes, só vão ter contato com ela na escola, e por isto a importância de permitir que todos a conheçam e a saibam usar, para assim, poder atuar em todos os âmbitos da sociedade. Porém, os professores devem buscar maneiras de apresentá-la ao aluno, sem que se sinta constrangido, fazendo com que entenda a importância da língua culta para sua vida pessoal e profissional futura.

Tendo uma postura totalmente diferente de dona Marisa, a professora Celinha deixava Rodrigo ser quem ele era, respeitando seu jeito de ser, mostrando para a classe que as diferenças fazem parte da vida e, que isso não torna ninguém melhor ou pior que o outro. Assim, Rodrigo mudou sua concepção de escola e de professora, agora já sabia ler e escrever e não se sentia menor que ninguém.

Na outra sexta de contar histórias, ele soltou a língua. Contou histórias vividas com caboclos, vacas, bezerros, família e plantas. Virou e mexeu, mexeu e virou, havia festa na escola. Rodrigo passou a ser a maior atração nas festas. Mas o que deixava o menino mais louco de alegria é que lia, escrevia e amava muito a escola. Já não ficava vermelho quando errava ao falar ou a escrever uma palavra. Chegava a fazer piada dos próprios erros:
- Escrevi papapalho porque achei que era assim que a gente da cidade trata do bichim... (JOSÉ, 2007, p. 26).

Na obra *Pinóquio às avessas*, a professora e a escola também não aceitam o jeito de ser do personagem Felipe, não aceitam seu jeito curioso, inquieto, fantasioso e lúdico em relação ao mundo. Algo que foge do padrão da escola e que não se enquadra no ritmo sistêmico do programa escolar não é aceito.

No dia seguinte havia aula de desenho. A professora lhe deu um caderno para pintar. Tinha dois elefantes. Felipe pintou um de cor-de-rosa e outro de verde. A professora chamou o menino e disse que elefantes não eram cor-de-rosa nem verdes. Ele deveria pintar os elefantes da cor que eles eram. Felipe obedeceu. Passou a pintar os elefantes e todas as outras coisas do jeito como eram. Mas ele dizia: “Droga! Eu acho os elefantes cor-de-rosa e verde mais bonitos...” (ALVES, 2010, p. 36).

Observa-se a partir do trecho acima citado, que a professora não aceita a maneira fantasiosa e lúdica que o menino enxerga as coisas, e, o menino por ser uma criança boazinha, acaba por obedecer à professora, porém não se sente totalmente confortável com a situação.

Já na aula de estória “[...] A campanha havia soado, mas Felipe não mudara de canal [...]” (ALVES, 2010, p. 37), e o professor estava a falar sobre coisas de estória, batalhas e naufrágios, mas Felipe “[...] a despeito do cuco, no coração dele havia um ninho de passarinhos [...]” (ALVES, 2010, p. 37), começou a viajar em suas fantasias a observar um pássaro azul pela janela da sala de aula, se sentiu feliz esboçando um sorriso. O professor de Felipe logo percebeu a distração “- Felipe, você não está prestando atenção. Você não está pensando naquilo que deve pensar nesta hora...” (ALVES, 2010, p. 38). O professor demonstra não respeitar a curiosidade e a inquietação do menino a respeito do pássaro que está a observar, não aceita o comportamento da criança e a encaminha para o psicólogo da escola. Então, o aluno foi diagnosticado com “distúrbio de atenção”, “[...] é quando a atenção está no lugar onde o coração deseja, e não no lugar onde o professor manda [...]” (ALVES, 2010, P, 38). Felipe deveria se enquadrar nas regras da escola, deveria em sala de aula prestar atenção apenas no que o professor dizia, e foi o que aconteceu; porém, isto acabou com os grandes sonhos do garoto, e ele se tornou um adulto rico e bem sucedido, mas infeliz.

É possível observar que a autoridade do professor para com os alunos e a não aceitação da autonomia do ser do educando acabam também prejudicando a relação do professor com seu aluno. O aluno que é oprimido em sala de aula, certamente não se sentirá a vontade com o professor, com os colegas e com o ambiente escolar, o que poderá afetar no seu rendimento escolar, podendo levar ao desinteresse total do aluno pelos estudos, podendo afetar também sua vida pessoal.

5.6 ENSINAR EXIGE SABER ESCUTAR E QUERER BEM AOS EDUCANDOS

Conforme orienta o professor Paulo Freire, o bom professor deve respeitar e aceitar os mais diferentes alunos que estão em sua sala de aula, a discriminação não permite que o professor escute e entenda os seus mais diferentes alunos, não entendendo os seus alunos e não sabendo de suas capacidades, o professor não pode falar ao seu nível. Então, o professor fala de cima para baixo com o aluno e acaba por oprimi-lo.

Nas duas histórias analisadas, é possível perceber que as professoras, dona Marisa no início da história, e a professora de português, não escutam os alunos, pois não aceitam o aluno que é diferente e, também, não aceitam outras ideias diferentes das suas. Na representação, essas professoras falam com eles de cima para baixo como se fossem as únicas detentoras do conhecimento e da verdade, não sendo capazes de

entender os sentimentos, os medos e as curiosidades dos seus alunos. Não saber escutar os educandos, acaba por distanciar o professor e o aluno. Quando o professor não se mostra aberto para escutar a classe, suas dificuldades e as coisas que agradam a turma, faz com que os alunos não tenham vontade de aprender, e suas aulas sejam cansativas, dificultando o ensino e a aprendizagem dos educandos.

O professor que está à frente de uma sala de aula, desempenha uma função social tão importante, tanto para o seu alunado que está a lhe assistir, quanto para a sociedade, pois são esses alunos que irão atuar nela, de maneira positiva ou negativa. O aluno é capaz de reconhecer todos os tipos de professores, e cada professor passa pelo aluno, deixando sua marca, seja ela boa ou ruim. Segundo Paulo Freire (2014, p. 64):

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Querer bem aos educandos, diz respeito a querer bem a prática, querer bem a própria profissão docente também. Querer bem aos educandos e desenvolver suas práticas didáticas com amor refletirá reciprocamente o querer bem dos educandos pelo professor e também por suas aulas, o que tornará o ensino mais leve e prazeroso.

Na obra *Uma escola assim, eu quero pra mim*, o gostar e o não gostar dos alunos pelas professoras reflete até na maneira como eles as veem fisicamente. A primeira professora Dona Marisa, é apresentada como sendo “[...] grandona, feia sabichona como ninguém. Azeda, sem sal nem açúcar. A barriga imensa, com uma criança dentro dela, tomava a dianteira [...]”. (JOSÉ, 2007, p.8). A caracterização da professora já da ideia ao leitor que ela era uma professora ruim, e que seus alunos não gostavam dela e nem ela deles, como representado na Figura 5.



FIGURA 5 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM

Fonte: José, 2007, p. 9.

No final da história, quando Dona Marisa volta de sua licença maternidade, os alunos já vão percebendo que ela está mudada “[...] entrou na sala de aula mais solta e com a cara feliz [...]” (JOSÉ, 2007, p. 28). Então, a professora a partir de uma reflexão sobre sua prática passa a buscar métodos de aprendizagem que agradam aos seus alunos, “[...] E foi ficando menos grande, depois quase criança. Muito bonita, doce e feliz em ensinar [...]” (JOSÉ, 2007, p. 29). A partir da descrição, podemos perceber que seus alunos passam a gostar dela e das suas aulas, como mostra a imagem a seguir (FIGURA 6):

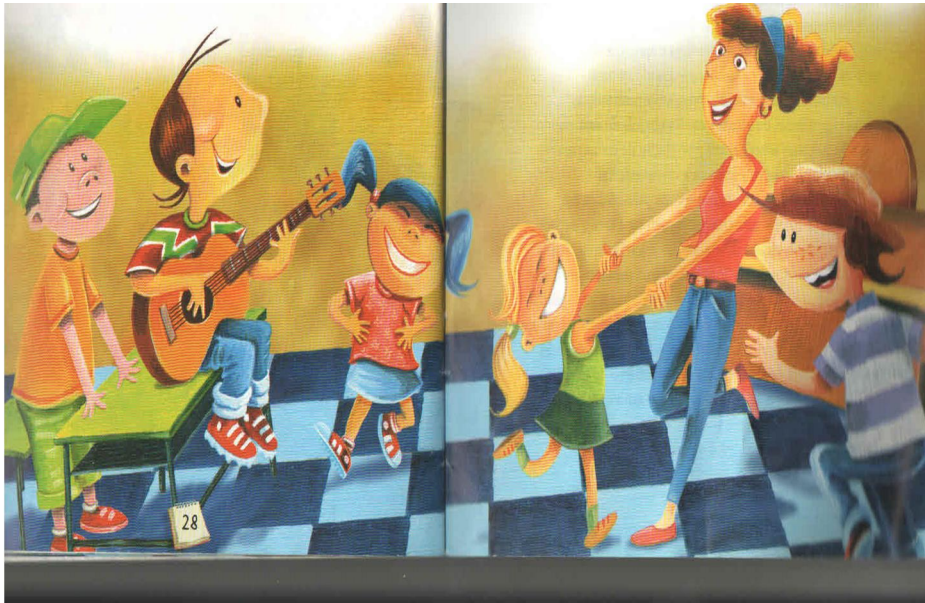


FIGURA 6 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM

Fonte: José, 2007, p. 28-29.

A segunda professora que aparece na obra, dona Celinha, também recebe descrições físicas que vão apresentando a boa professora que ela será para a turma. Quando Rodrigo já está prestes a desistir de suas atividades escolares devido a toda humilhação que passou por seu jeito ‘caipira’ de falar, surge a diretora e lhe diz sobre a professora substituta que irá começar no outro dia, Celinha, “[...] uma professora nova, bonitinha e muito alegre. Vocês vão gostar dela [...]” (JOSÉ, 2007, p. 12). No primeiro dia de aula Rodrigo ainda estava meio desconfiado com a nova professora, estava com trauma da professora antiga, “[...] Dona Celinha, chegou, magra e pequenina, dizendo oi, sorrindo, dando bom-dia. [...]” (JOSÉ, 2007, p. 15). No decorrer das aulas a professora Celinha surpreendeu as expectativas dos alunos, suas práticas eram criativas e lúdicas e, a própria professora era uma pessoa encantadora, assim, “[...] A sala toda achava que dona Celinha já não era tão pequena e magrinha...” (JOSÉ, 2007, p. 17), como ilustram as Figuras 7 e 8.



FIGURA 7 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM

Fonte: José, 2007, p.17.



FIGURA 8 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM

Fonte: José, 2007, p. 22.

O carinho, o amor entre a professora e os alunos foi muito intenso durante os seis meses em que a professora lecionou para a turma. Uma prova disto, foi à despedida calorosa entre eles, com a ajuda da diretora e de dona Marisa os alunos organizaram uma festa de despedida para dona Celinha. Na despedida os alunos e a diretora cantaram aos prantos uma canção de despedida para dona Celinha, que certamente deve ter se emocionado e ido embora com a sensação de dever cumprido. A ilustração a seguir (FIGURA 9) fala por si, sobre o emocionante momento vivido pela professora Celinha, a diretora da escola e os alunos da turma.

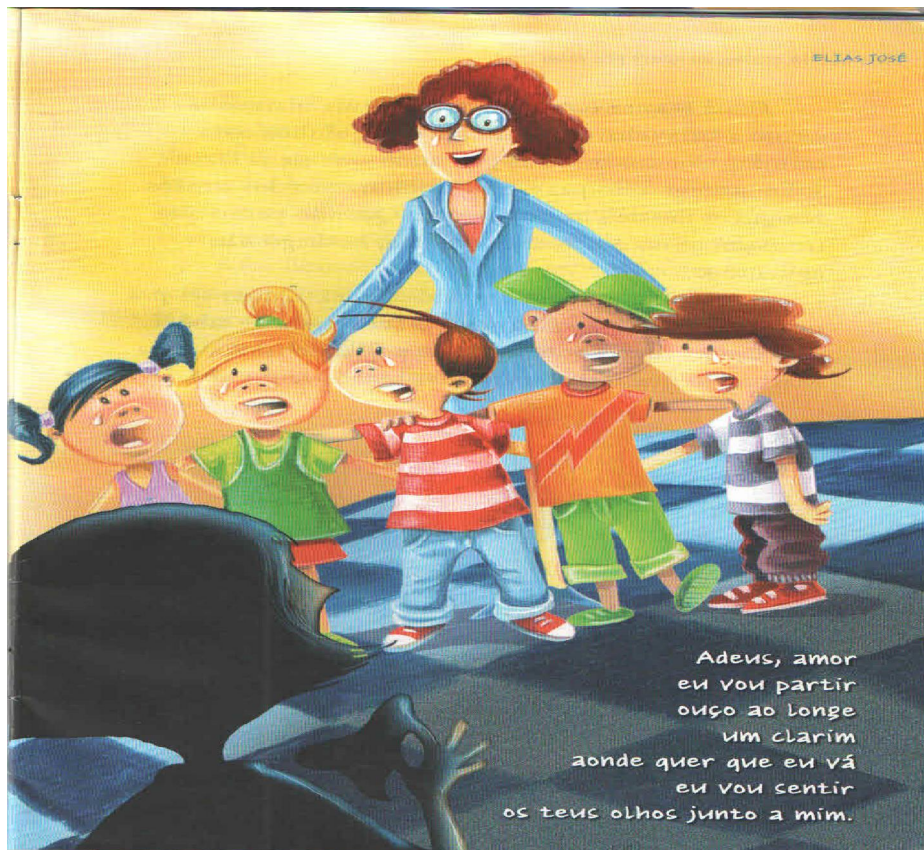


FIGURA 9 - UMA ESCOLA ASSIM, EU QUERO PRA MIM

Fonte: José, 2007, p. 27.

No ambiente escolar todos os profissionais devem estar envolvidos buscando o bem estar e o bom desempenho do aluno na escola. Na obra *Uma escola assim, eu quero pra mim*, percebe-se que a diretora da escola interfere de maneira positiva na vida de Rodrigo. Quando ele decide ir embora da escola para nunca mais voltar, a diretora vai até o portão da escola onde o aluno se encontra e busca entender o que está acontecendo com ele. Após entender o contexto da história de Rodrigo, não concorda com a atitude de dona Marisa, e incentiva o aluno a não desistir, que no dia seguinte terá uma nova professora, e seria ela diferente da atual, Rodrigo iria gostar dela.

- Dona Marisa anda nervosa porque tem sempre partos difíceis. Só que isso não dá a ela o direito de zombar de você. Não liga não. Amanhã ela vai sair de licença e vem substituí-la a dona Celinha, uma professora nova, bonitinha e muito alegre. Vocês vão gostar dela. Espere para ver... (JOSÉ, 2007, p.12)

O aluno depois de tanta humilhação e dificuldades na escola já não se sentia mais capaz de aprender, se sentia burro e inferior aos demais alunos. E, mais uma vez a diretora com palavras carinhosas e um jeito acolhedor explica para ele:

- Você é inteligente e vivo. Só de olhar, eu conheço menino assim. Está acostumado no sítio, onde tudo é diferente, e estranhou a escola. Isso é normal. Sempre aconteceu e vai acontecer. Com o tempo, arrumará amigos. Vai aprender a falar dos dois jeitos. Vai amar a escola e aprender bem. É preciso dar tempo ao tempo (JOSÉ, 2007, p. 13).

Rodrigo não consegue dizer não ao pedido tão carinhoso da diretora, e continua indo à escola. A atitude da diretora contribui de maneira muito positiva na vida deste aluno, pois se talvez ela não tivesse ligado e tivesse deixado que ele fosse embora da escola para nunca mais voltar, à história de Rodrigo poderia ter sido diferente.

Já na obra *Pinóquio às avessas*, a professora e a escola, conforme já tratado no tópico anterior, interferem de maneira negativa na vida de Felipe, criam um problema “distúrbio de atenção” que aluno não tem, ele só é uma criança curiosa e sonhadora, sonhava em ser cuidador de pássaros, pois os pássaros eram o que mais lhe chamava a atenção. A escola tinha como seu principal objetivo preparar os alunos para o vestibular e mais tarde para o mercado de trabalho, e os sonhos de Felipe estavam distantes de levar o aluno a uma carreira de sucesso. Então, Felipe se enquadra nos parâmetros da escola e realmente obtêm o sucesso que a sociedade o impôs. Porém, não se torna uma pessoa totalmente realizada, tem sucesso em sua vida profissional, mas não em sua vida pessoal.

Em ambas as obras, é possível observar que o professor e a escola afetam de maneira significativa a vida dos seus personagens, e não apenas na vida escolar, mas na vida pessoal também. Salientando que, o docente e a escola não são os únicos responsáveis pelo sucesso e/ou insucesso da educação, conforme já discutidos neste texto, retomamos que há outros fatores externos (vida pessoal entre outros) que podem prejudicar o bom desempenho da aprendizagem do aluno e, do seu sucesso escolar.

Muitas vezes, o professor e a comunidade escolar, acabam desenvolvendo papéis que vão além de suas competências. A partir da observação de alguns fatores adversos na vida dos alunos, prestam todo o apoio necessário a esse aluno, seja ele: médico, psicológico, afetivo, social, entre outros que o aluno vier a precisar durante sua jornada escolar.

Seguindo o enfoque desta análise, constatou-se que nos livros analisados houve um grande impacto na vida dos personagens a partir das relações professor/aluno e escola/aluno, já que, conforme o que foi exposto neste trabalho, à maneira como essas relações se dão aproximam ou distanciam o aluno da escola e, logo, afetam o bom desempenho da educação e, conseqüentemente, a vontade de aprender.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou uma análise crítica e reflexiva a respeito de duas obras da literatura infantojuvenil brasileira, sendo elas: *Uma escola assim, eu quero pra mim* (2007) e *Pinóquio às Avessas* (2010). Para que esta análise pudesse ser desenvolvida, foi necessário um olhar para a educação, sua importância, seus desafios e suas mudanças, bem como, sobre a profissão docente suas dificuldades e sua evolução; também fez necessário refletir sobre as práticas docentes, podendo assim embasar e permitir uma melhor compreensão na análise dos livros citados.

É possível perceber que a educação, de maneira em geral, teve grandes avanços no decorrer dos anos, sendo que há algum tempo, o acesso a ela não era fácil, obrigatório e garantido por Leis como é atualmente. Também observou-se evolução em questão das próprias práticas didáticas. Na sociedade atual não é mais suficiente o aluno saber ler e escrever, ele deve ter capacidade de reflexão, e saber agir de maneira crítica na sociedade, resolvendo de maneira inteligente os diversos problemas que envolvem o cotidiano. Então, ensiná-los a partir de “cartilhas” de ensino, utilizando métodos tradicionais, sem contextualizar os ensinamentos escolares com a sociedade, já não possibilita preparar os cidadãos conforme a sociedade necessita. Sendo assim, destaca-se que métodos tradicionais e práticas didáticas ultrapassadas, ainda presentes nas escolas, é um dos agentes de desinteresse dos alunos pelos estudos.

A profissão docente também vem ao longo dos anos conquistando seu espaço na sociedade, ainda que atualmente não tenha o reconhecimento salarial e social merecido, conforme o seu imprescindível papel exercido, a profissão ainda enfrenta desafios. Com a evolução gritante da sociedade e dos alunos, é possível perceber que em algum momento a boa relação entre o professor e seus alunos se perdeu no ambiente escolar. É visível a difícil relação entre ambos, o aluno não respeitando mais a importância da profissão docente e, o professor desmotivado, já sem ânimo para dar o seu melhor aos seus alunos e para a educação. A representação de práticas ultrapassadas e o ensino tradicional, o que vem atrapalhar o ensino/aprendizagem e a relação professor/aluno, representadas nas obras discutidas da literatura infanto-juvenil, circulam até os dias de hoje na realidade escolar. Não obstante, o oposto também pode ser encontrado, professores com suas práticas didáticas condizentes ao seu alunado, envolvendo-os em suas aulas, contribuindo para uma boa relação entre professor e aluno, e, assim, desenvolvendo aulas prazerosas e produtivas.

Os livros analisados demonstram, assim, uma imagem de professor e de escola que, em muitos casos, condiz com a realidade escolar. Infelizmente ainda é possível encontrar profissionais com práticas tradicionais de ensino, e, escolas que não aceitam a autonomia do educando e a sua curiosidade, e isto, evidenciou-se nas obras que não agrada os alunos. Por outro lado, observou-se também uma professora que procura de todas as maneiras cativar o seu alunado, aproximando-se deles, promovendo o afeto e a harmonia na sala de aula, contribuindo significativamente com a boa aprendizagem dos mesmos.

Nas duas obras pode-se analisar que há professores que seguem um plano estagnado e não encontram motivação para ser diferente, e acabam, algumas vezes, não vendo com bons olhos a maneira que o aluno chega à escola, tentando enquadrá-lo a todo custo nas suas verdades, não entendendo que ele já possui saberes adquiridos em sua prática social. Atitudes essas que podem acarretar no descontentamento dos alunos, acabando por afetar suas vidas escolares e particulares. Na obra, *Uma escola assim, eu quero pra mim* (2007) a segunda professora que aparece na história, utilizou os saberes do seu aluno, assim demonstrando aceitá-los e, aproveitando para as atividades escolares, promovendo a inserção do aluno nas aulas, o que afeta de maneira positiva a vida escolar deste aluno.

A análise das obras permitiu perceber que, dentro de uma sala de aula, é possível encontrar professores não tão sensíveis para olhar para seu aluno e suas possíveis dificuldades, seja na maneira como falam, como se vestem, ou, através do seu nível de conhecimento e aprendizado. Percebe-se também que os professores, por algumas vezes, até pela falta de tempo e sobrecarga de trabalho, não se permitem uma reflexão crítica sobre sua prática, as mantendo inertes, talvez não percebendo que seu aluno encontra-se descontente de sua maneira de ensinar. A primeira professora de *Uma escola assim, eu quero pra mim* (2007) traz uma boa reflexão aos professores, ela demonstra repensar sua prática didática inovando-a conforme as necessidades de sua turma, resgatando a boa relação professor e aluno. Já na obra *Pinóquio às Avessas* observa-se que o sistema escolar acaba por enquadrar os professores, tirando a sua autonomia em sala de aula, cobrando que ensinem o que está no programa, nada além, e o professor aceita.

As obras mostraram que as relações professor e aluno, assim como aluno e escola, são de grande importância para a vida escolar e particular da criança. O distanciamento do professor para com seus alunos é prejudicial para o bom desempenho

da educação, e isto é visível nas escolas. Muitas vezes os professores, até por questões de tempo, não estão inteirados na vida pessoal do aluno, não prestam atenção nos sinais que ele está demonstrando. A vida pessoal pode vir a prejudicar seu rendimento escolar, e, em alguns casos, o que o aluno necessita é de um olhar de amor, necessita de afeto, de compreensão e de acolhimento que não encontra em casa, e acaba por buscar isso na escola. O não querer bem ao educando e a prática didática acaba por transformar o ato tão belo que é o de ensinar, a uma mera atividade mecânica, relação de puro aprendizado e nada mais, o professor passa a atividade e os alunos a sua maneira a desenvolvem. Relembrando que, os alunos passam boa parte de suas vidas em sala de aula e, muitas vezes, mais do que com a sua própria família, com contato com diversos professores. Por conta disso, o processo de ensino/aprendizagem deve ser muito mais que um processo mecânico.

Para concluir este trabalho acadêmico, espera-se que ele venha a contribuir com uma reflexão positiva aos professores, alunos, profissionais da área da educação e sociedade em geral. A educação é um caminho muito promissor para mudar a vida das pessoas para melhor, entregando a sociedade cidadãos críticos, podendo sempre buscar a evolução humana. É preciso que os professores tenham o reconhecimento merecido perante a sociedade, mediante a sua incontestável importância social.

A escola e o professor desenvolvem um papel de extrema importância, formando pessoas para atuar em funções diversas na sociedade, os quais, devem ser cidadãos completos, dignos e íntegros. Cabe ao professor e a escola; educar, ensinar e, fornecer a seus alunos um ensino/aprendizagem de qualidade e eficaz. Também, devendo apresentar ao aluno a importância da instrução escolar, que observando a realidade de muitos, é uma alternativa de ampliar seus conhecimentos e, através disso, aumentar suas chances de escolher uma profissão e melhorar sua renda familiar, mostrando a eles que a educação é crucial para um futuro melhor.

Observando o papel importante que o professor e a escola possuem, é interessante que estes reflitam e desenvolvam diferentes maneiras para ensinar e acolher os seus alunos, mesmo que tenham que buscar as mais diversas formas de ensino. À escola cabe à função de apoiar os seus professores, fornecendo e incentivando a busca por novos conhecimentos e inovações para suas práticas.

Professores tenham bom ânimo para lutar pelas suas causas, bom ânimo para entrar em uma sala de aula e entregar o seu melhor, bem sabe-se que as adversidades são difíceis, e tornam a sua jornada árdua, porém é preciso esperança, é preciso dar o

seu melhor com as possibilidades que lhes são entregues, sem desânimo e com esperança de um futuro melhor. É necessário que o professor encare a profissão docente como a grande missão que ela realmente é, formar cidadãos, tocar positivamente ou negativamente a vida das pessoas, está em suas mãos essa decisão. O que será de um país se todos os professores entrarem em sala de aula e pregarem desilusões motivando os seus alunos a desesperança em relação ao mundo, em relação à vida?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: ed. UNESP, 1998.

ALVES, Rubem. **Pinóquio às avessas**. 1 ed. São Paulo: Verus, 2010.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC 2ª versão*. Brasília, 2017.

_____. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

CHALITA, Gabriel. **Educação a solução está no afeto**. 1 ed. São Paulo: Gente, 2001.

CHARLOT, Bernard. **Formação de professores: a pesquisa e a política educacional**. São Paulo: USP, 2001.

COÊLHO, Ildeu M; GUIMARÃES, Ged. **Educação, escola e formação**, 2012.

COELHO, Nelly N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GATTI, Bernardete A. **Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses**, 2013.

GERALDI, João W. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

_____. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

JOSÉ, Elias. **Uma escola assim, eu quero pra mim**. ed. renov. São Paulo: FTD, 2007.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: _____. (Org.). **Profissão professor**. 2°. ed. São Paulo: Porto, 1995.

PENIN, Sonia T. de S. **Edição especial: Profissão Docente**. Ano XIX, n.14, São Paulo: USP, 2009. Disponível

em:<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012181.pdf>>. Acesso em: 05 nov 2018.

PIAGET, Jean. **“Para onde vai a educação?”** Trad. Por Ivette Braga. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editores, 1973.

RABELO, Amanda O. Mulher e docência: historicizando a feminização do magistério. **Revista do Mestrado de História**, Vassouras, v.9, n.9, p.41-53, 2007.

ROSA, Renata V. M. da. Feminização do magistério: representações e espaço docente. **Revista Pandora Brasil**, edição nº4 – “Cultura e Materialidade Escolar”. 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Educação e questões da atualidade**. São Paulo: Cortez, Livros do Tatu, 1991.